

Um

Um novo dia acorda de um sono profundo algures num recôndito país europeu de remotas palavras aglutinado por uma nação maior e perseverante, que ocupa grande parte da Península Ibérica. Neste país, encontra-se a pequena localidade de Ea, onde gente tão simples como o nome da povoação acorda com o dia. As pessoas circulam pelas ruas da aldeia, ora deslocando-se para o mercado principal, ora rumando aos seus locais de trabalho. Sempre em actividades muito dependentes do mar, seja para possibilitar uma utilização lúdica da água, seja pela extracção de bens valiosos que alimentam corpo e carteira de muitos habitantes. Muitos, atendendo à pouca densidade habitacional, porque muitos são poucos, se compararmos os pacatos moradores da pequena Ea com a população de Kathmandu, capital de um país cuja população atinge a segunda dezena de milhão. Lá a noite caiu, e as pessoas fecham-se nas suas casas vendo lá ao fundo os imponentes Himalaias, muralhas de uma enorme fortaleza, numa imagem digna de ser comparada às melhores obras de Arte pré-contemporâneas. A calma que se vive nesta cidade espelha bem a atitude de todo um povo, que medita tudo o que faz, tipificando um conceito criado pelos denominados ocidentais quando caracterizam os povos de uma latitude tão distante. Uma distância enorme de dois mundos no mesmo mundo, de um lado Kathmandu e do outro, por exemplo, Mindelo, algures na costa norte de um pequeno país fronteiriço à segunda pátria de Ea. Distância que só pode ser suprimida pelo passar de longas páginas de voo e escalas em diferentes aeroportos, por quilómetros e quilómetros de cabos de fibra óptica que ligam milhões de pessoas privilegiadas em termos económicos mas muitas vezes descaracterizadas em termos sociais, ou pelo dobrar de um instante devido à simples vontade de um ser em mudar o rumo da sua narrativa direccionando-a para esta povoação tão parecida com Ea, tão contrastante com Kathmandu. Um contraste teórico, associado às mentes da grande maioria da população, a mesma que às vezes esquece que com a vontade tudo é possível, seja voar de Kathmandu para Mindelo numa linha, seja subir o degrau de uma padaria como o está a fazer Fernando Maia, alguém que foi escolhido para personagem. Ele nesta narrativa é um homem comum, podia ser uma mulher, mas neste caso é preferível que seja um homem, alguém com o par de cromossomas Xis Ipsilon e detentor de um código genético que o identifica com muitos outros seres, como um escritor, um leitor, um habitante de Kathmandu ou um habitante de Ea. Aldeia que, em princípio, nunca mais marcará presença física na acção

(Pode-se pensar que não haveria razão para a mencionar logo de início, mas houve, porque muitas pessoas não a conheciam e a partir do momento em que leram passaram a conhecer. Este foi um pequeno contributo à pequena localidade, aliás, também serviu para provar que muitas vezes o destino, apesar de parecer visível, acaba por não surgir da maneira que se previu. Se no início parecia ponto assente que a narrativa passava em algum momento por Ea, afinal é falso, mesmo sabendo que a aldeia é um ponto fundamental pois corresponde ao início e ao marcar do ritmo)

Sendo este tal Fernando Maia um ser humano com todas as parecenças e diferenças que o aproximam e distinguem de todos os homens passados, existentes e vindouros, tem a necessidade de se alimentar, de formar moléculas de Adenosina Trifosfato para continuar a ser o Senhor Maia
(como o chamam)

Fernando Maia mantém na sua cabeça a ideia de comprar quatro pães naquele local, e quando se prepara para entrar num edifício forrado a tijolo, que faz lembrar um quartel de bombeiros fabricado à pressa, eis que tropeça no primeiro dos dois degraus acabando por se apoiar na porta para evitar a queda. No entanto, não conseguiu impedir que a sua perna batesse no segundo degrau, provocando uma dor localizada mas sem ter o protagonismo de uma queda espectacular, o que podia trazer a boa disposição a todos os clientes e funcionários da casa. Mas porque é que uma anormalidade tão normal pode estampar sorrisos em todos os rostos presentes no estabelecimento? E porque evitou Fernando Maia com tamanha vontade um acto que traria uma alegria momentânea a tantos homens? Ele até sabe que o acto de rir contribui para a melhoria da saúde de muito boa gente. A resposta é fácil, o ser humano quase nunca se consegue libertar de um egocentrismo próprio, quase nunca consegue ver que do outro lado está alguém que nasceu, que sentiu o primeiro dente a libertar-se, que teve aquelas imensas alegrias no Natal com tão pouco. Se as pessoas que ocupam aquele espaço comercial vissem um homem, conhecido ou desconhecido, a resvalar e começar a ver o solo a aproximar-se a uma velocidade vertiginosa, não esboçavam um único sorriso pois sabiam que também lhes pode acontecer. Já Fernando Maia, não teria pejo nenhum em resignar-se à queda, pois tamanha aproximação do solo não lhe causaria problemas estruturais, e a saúde pública
(ou a saúde do público neste caso)

e a saúde do público é sempre um conceito a preservar. O pequeno tropeçar no degrau, insignificante em primeira instância, teve a coincidência de se registar no preciso momento em que ocorreu uma quebra de electricidade simultânea em todas habitações e estabelecimentos das redondezas. Utilizando o modo de pensar do mais comum dos cidadãos, Fernando Maia associou logo este facto ao pequeno desequilíbrio, porque tanto ele, jornalista de méritos reconhecidos e de inteligência inquestionável, como o Senhor Joaquim das Lousas, o pedreiro que o olhava do outro lado da rua, são capazes de fazer esta associação sobrenatural e muito pouco racional. Se eu não tivesse caído nada disto acontecia. Frase silenciosa e sofisticada que o resvalado homem proferiu numa reflexão camuflada e demasiado rápida. Depois de uma abordagem mais racional do assunto, chegou à conclusão que não foi esse o motivo, pensamento que já não estaria ao alcance de Joaquim das Lousas. É óbvio que os problemas são da própria rede eléctrica e bem ultrapassáveis para o mais comum dos Engenheiros Técnicos com Electrotecnia como ramo escolhido. Dentro de poucas linhas a normalidade estará estabelecida. As pessoas que frequentam a padaria, e que teriam a oportunidade de obter uma boa gargalhada caso Fernando Maia não se aplicasse na tentativa

(bem conseguida)

de evitar a queda, entraram quase em pânico. É que no momento anterior à quebra de electricidade todas as atenções estavam apontadas para uma pequena caixa colorida colocada num nível bem superior ao plano definido pelos pontos mais altos de três clientes, e só mesmo uma queda à entrada da padaria ou um corte de electricidade é que podem desviar os olhos do objecto. Todos se sentem revoltados, é uma bomba que cai, quase não aguentam tamanha frustração e muitas expressões insultuosas voam de encontro ao televisor. Fernando Maia ainda não sabe ao que se deve tanta preocupação, tanta raiva. Olhando para o relógio reparou que a manhã ia longe

(Porque a partir de certo momento da História os seres humanos perderam a capacidade de distinguir tarde de manhã sem o tímido objecto)

e o ponteiro das páginas ultrapassa o primeiro traço, é o parágrafo das notícias na televisão e aquelas manifestações devem estar a acontecer porque a energia foi cortada quando era transmitida a primeira reportagem, a mais importante segundo os critérios dos editores jornalísticos. O que se passa? Era o Telejornal da Tarde. Isso sei eu, mas que notícia é esta para estarem todos a fazer figuras tristes? O senhor não sabe? foi o jogo de futebol, o árbitro expulsou três jogadores da nossa equipa e agora estavam a transmitir as declarações do presidente. Fernando Maia ficou logo com mau humor, não por saber que foram expulsos três jogadores, não por ainda sentir dores na perna, mas porque pensa que há assuntos bem mais interessantes que devem de ser prioritários, até gosta de futebol, apesar de não ser nenhum espectador atento daquele desporto. Existem casos que o preocupam muito mais do que o simples erguer de um rectângulo da cor da carne por três vezes consecutivas. Existem notícias em que essa cor jorra por pedras de calçada e que ficam para segundo plano, sendo algo que entristece as suas profundezas. A revolta por si sentida neste momento é quase tão grande como a daquelas pessoas, embora guarde para si esses sentimentos. Continuou numa marcha lenta para chegar ao ambicionado destino, o pão! Para sorte da indústria panificadora, Fernando Maia vive numa época em que os conhecimentos que permitiam multiplicá-lo desapareceram, se calhar a massa é diferente, é esse o problema

(são interpretações e cada um pode ter as suas)

Nada mais então lhe resta que esta curta deslocação para adquirir um bem tão precioso e subtrair umas migalhas à vida numa longa espera. Por fim, efectuou sua compra e no instante seguinte um feixe de electrões invadiu os circuitos eléctricos de toda a povoação voltando o exibicionista aparelho a funcionar, transmitindo agora as últimas notícias. Os ânimos acalmaram e os cafés deslizam de uma maneira mais suave pelas gargantas de quem há pouco mais se insurgia. Os principais casos passaram, apenas restou uma curiosidade que costuma encerrar este tipo de programas televisivos, trata-se de um cidadão Norte-americano que diz conseguir controlar o vento. Sempre que sai de sua casa em Little Rock, no Arkansas, o vento acompanha-o pelas costas, e mesmo quando muda de direcção as correntes de ar também o fazem. Algo bastante curioso e que os meteorologistas não conseguem explicar, pois dado ser um deslocamento diminuto de partículas os aparelhos são incapazes de analisar aquele tipo de fenómeno. Depois ainda há quem defenda a tese do charlatanismo, por ser um fenómeno imperceptível a muitas pessoas. Tanto Fernando Maia como a população da padaria, não deram muita importância aquela notícia. É mais uma Americanice. Naquele país há de tudo. Foram as únicas frases que se fizeram ouvir, tudo continuou na normalidade, ou seja, Fernando Maia prosseguiu a sua deslocação até ao seu carro, não sem antes descer o degrau com bastante cuidado para evitar o aparecimento de mais hematomas na pele que reveste a tibia, e já agora, para que o Senhor Joaquim das Lousas continue a acreditar que um acontecimento como aquele possa provocar uma quebra geral na energia eléctrica.

Num parágrafo chegou a casa, a aldeia é pequena e poucos metros separam amigos, há aquela fraternidade muito característica, mesmo sabendo que Mindelo está a tornar-se cada vez mais um segundo ninho de quem vive na cidade, trazendo novos hábitos e costumes a um local que foi mais calmo noutros tempos. Quando abriu o portão olhou para o céu e viu o tempo a mudar, a chuva aproxima-se e o azul da manhã tende a desaparecer, dando lugar a um cinzento que enegrece rostos apressados. Mais uma vez o Boletim Meteorológico falhou. É o vizinho a utilizar a conversa preferida de alguém que quer falar e não tem nada para dizer. Fernando Maia acenou com a cabeça concordando e subiu as escadas que o levavam à entrada. Abriu a porta com a saca de papel reciclado segura pela mão esquerda e entrou num lar deserto, sem o cheiro a comida, sem choros de crianças ainda pequenas que costumam a habitar em casas de pessoas da sua idade, aquela em que já não se é jovem sem que os meados da vida tenham sido atingidos. Sempre relegou a formação de uma família estável para segundo plano, a sua profissão de jornalista não permite que passe muitos momentos em casa perto de quem mais gosta. Nunca quis fazer sofrer ninguém, o que podia acontecer com as suas grandes ausências do país, por isso Fernando Maia sempre evitou grandes envoltimentos sentimentais. Claro que também se sente um pouco triste e frustrado, mas tem a perfeita noção que a sua vida é uma consequência do curso que o licenciou.

Almoçou tarde, como sempre, está de férias, é Verão apesar das condições atmosféricas serem contrastantes com o clima típico desta estação. Lavada a loiça, deslocou-se até ao café onde se reúne uma pequena tertúlia que discute de tudo, desde uma Bomba Atómica em Hiroshima, até ao americano que diz controlar a direcção e a intensidade do vento. É um poder que todos os seus amigos ambicionam ter, apesar de não acreditarem em semelhante patetice

(como lhe chamaram)

, sobretudo para evitar situações como esta, em pleno Agosto as primeiras gotas de mole água prestam-se a cair em duras pedras.

As conversas arrastaram o tempo e Fernando Maia decidiu voltar a casa, preparar um jantar simples e descansar de um capítulo activo como se pôde ver, ou ler, se preferir. Distinção que não é digna de ser feita, porque o acto de ler pressupõe uma visão, não das letras que dançam sobre um fundo branco, mas sim de um cenário imaginado por cada leitor, diferente de todos os outros, inclusive de quem escreveu. Nunca nenhum narrador foi capaz de utilizar mil palavras para descrever uma imagem, e nunca nenhum o quis, por muito realista que fosse, a realidade somos nós e o que Fernando Maia vê não é o mesmo que Joaquim das Lousas vê e quem vê, lê informação, seja ela textual ou de um outra forma qualquer. É assim que pensa Fernando Maia, sabe que a sua profissão exige um alheamento total dos factos, uma narração exterior de tudo o que acontece, mas é algo impossível de controlar, porque o Homem

(e a Mulher)

, como o nome indica, é humano. Esta conclusão nada de novo traz, até uma criança consegue tirar, o que revela a simplicidade de toda a vida, tudo é simples se quisermos e tudo o que um ser humano faz tem emoções, queiramos ou não. Essas mesmas emoções que assume permitem a Fernando Maia as mais infinitas viagens através dos versos que escreve. Uma poesia sentida, mas que guarda sem mostrar a ninguém. Escreve para si e não para uma publicação futura, sempre assim foi e estes sentimentos estão longe de mudar pois é uma pessoa com uma personalidade semidefinida

(Porque a personalidade está em constante construção, adquirindo uma maior solidez após cada linha que passa, e só se vai tornando mais frágil com o aparecimento de doenças características de idades mais avançadas, as quais Fernando Maia ainda não atingiu)

De súbito, olhou pela janela, o nevoeiro levantou um pouco e a noite convidou-o a sair de casa, bastou que nenhuma gota de água caísse para Fernando Maia se soltar, ver o tecto fugir e ficar sem nada a sobrepor os seus pensamentos impedindo-os de ver o infinito. Pegou num impermeável e decidiu fugir, fugir até a uma praia que o conhecia desde o nascimento, de areia moldada por pegadas suas quando ainda andava de fraldas. Um local cheio de passado, de recordações

(as quais ficam ao critério de quem ler, porque o passado da personagem, que serve de alicerce para o futuro é aquele que o leitor quiser, aliás tudo o que não é referido numa narrativa pode ser imaginado de mil e uma formas, sendo um agradável exercício para a mente. Daí a importância que tem a leitura, que por muito que se possa dizer, é um conceito que não só abraça o verbo ver mas também acolhe a palavra criar)

. Poucas linhas passaram e o calçado de Fernando Maia começou a sentir a infiltração de pequenos grãos. Eis a praia, por muito que se tente evitar há sempre uma pequena areia a infiltrar-se, agarrando-se a nós como uma pulga a um cão, e o pior é quando são milhares de pulgas a preencherem bolsos e meias. Após um pequeno passeio junto ao mar, sentou-se no alto da duna que divide mundo e praia, praia essa que tem um agradável conviver entre as rochas existentes e as que já o foram, ou seja, aquelas que agora têm o termo técnico de solos

(o que não lhes deve agradar, porque ainda há uns milhares de anos tinham um sexo, um nome e uma solidez impressionante e agora, para além de estarem completamente desagregadas e dizimadas, também perderam o seu feminismo, a sua identidade)

. O local de onde se sentou aquele pseudo-poeta como se intitula, permite observar na escuridão o mar com a calma de uma baixa-mar de Agosto, as ondas deslizam como seda sobre uma areia meiga. A lua está escondida atrás das trevas e a iluminação natural é impossível, mas a lanterna que Fernando Maia trouxe de casa é suficiente para dar luz a uma folha de papel onde irá expor os seus sentimentos de uma forma cantada, na música tão silenciosa quanto divina, a poesia. No entanto uma gotícula do líquido que antes se julgava exclusivo do nosso planeta decidiu pousar numa linha azul que contrasta com a brancura da virgem folha, seguiu-se outra, e mais outra. Não eram provenientes dos lábios de quem tinha a caneta em punho, já que este não proferiu uma única palavra desde que saiu do convívio dos amigos. A sua origem era o céu alaranjado pelos candeeiros, um céu que em páginas com condições climatéricas longe do idílico, fica bastante próximo da terra. Vai recomear a chover, mas Fernando Maia não quis deixar de escrever num lugar como este, mesmo com frio, vento e chuva a acompanhá-lo. Com o avolumar de água em queda livre continuou a escrever, começando a sentir a roupa colada ao corpo fruto de um impermeável que não faz jus ao seu nome, ou melhor, ao nome que estava presente na etiqueta daquela peça de roupa. Entre a água e as trevas foi surgindo algo.

Sobre viver

*Toco o vento no calor do mar gelado.
Leve e macio
penteia cabelos impossíveis
e reveste-me de algas aladas*

*Abro as pálpebras
ilumino a escuridão,
ouço sedimentos longos
e entro pelos confins dos pulmões*

*Não há humidade que entranhe no meu ferro
Vivo nas palavras onde as gaivotas voam.
O meu coração abre a poeira das ideias.
O meu sangue corre pelas marés
e desagua na fonte do ego,
a lua é minha mãe.*

*Viver é sentir o sabor da luz,
mergulhar a voz em granito líquido,
dormir sob uma manta de alegria.*

*Desejo a eternidade aqui sentada
mostrando o último dos sonhos
o último dos sorrisos.*

*Sorrio porque amo
todas as cores
num ramo de açucena.
Sinto o cheiro leve e puro,
deito-me ao som das estrelas
e olho o céu na imensidão de um ponto*

*Viver é respirar.
Inspirar o mundo
e num suspiro
expirar a noite.*

De repente, com a escrita bastante adiantada, uma luz natural começou a dar cor às palavras que agarram o papel, é a lua a aparecer pela primeira vez na noite. Como que um círculo entre as nuvens

abriu-se sobre a cabeça de Fernando Maia. Agora já não chove na duna, as gotas apenas caem a uns cinquenta metros dele, é um pedaço de terra rodeado pela água por todos os lados, uma ilha com o mar no céu. Fernando Maia achou estranha a ilha, mas pouca importância deu. A meteorologia nunca foi uma área sobre a qual recaíram os seus interesses e como o acto de prazer terminou com o último verso, chegou o parágrafo de voltar ao lar para desumidificar o impermeável de etiqueta.

Fernando Maia rumou em direcção a casa, mas quando pensou alcançar o local onde estava a chover permaneceu imune a toda a água

(excepto a que invadiu o seu impermeável)

, nem uma gota o atinge ao cair. Olhou para cima e viu o tal círculo sobre si, continuou a deslocar-se e o círculo mantém-se na mesma posição relativa, está a acompanhá-lo, ou melhor, o círculo não o acompanha, as nuvens é que se afastam mal são tocadas por uma circunferência imaginária. Nunca vi nada assim, o que se estará a passar? Falou para si Fernando Maia. Quando chegou a casa, pensou na explicação para este acontecimento atmosférico mas não percebe como é possível estar a acontecer um fenómeno destes. Até que se lembrou do americano que apareceu na televisão, o que afirma ser seguido pelo vento. É uma situação análoga, há algo em comum entre duas pessoas tão distantes, afinal não é nenhuma americanice. Começou a brotar de si um desejo imenso de seguir este sinal das nuvens. Como deu a entender no poema, sente-se de ferro, e parece existir um íman nos Estados Unidos que o atrai. É uma loucura, mas a decisão foi tomada num parágrafo: Tenho que falar com ele.

Tomou tão depressa uma decisão como nunca tomara em toda a sua vida, foi tão rápido a decidir como cai uma gota de chuva a cinquenta metros de si. Começou logo a fazer as malas, tem que ser rápido, deve viajar o mais depressa possível em direcção a Little Rock antes que alguém olhe para o céu e veja aquele fenómeno incaracterístico. Não sabe as razões, não acredita em factos sobrenaturais nem em qualquer tipo de corpo divino, deve de haver alguma explicação científica para a existência do círculo, mas antes que os cientistas se apercebam e tentem analisar todo o seu corpo, Fernando Maia sentiu-se na obrigação de procurar o tal homem que também vê o clima alterar-se por sua causa. Mesmo sabendo que o americano é uma pessoa criticada e incompreendida pelo público em geral da Padaria do Degrau, neste parágrafo seguiu para o aeroporto com o objectivo de viajar no primeiro avião com destino a Nova Iorque e aí fazer escala, rumando mais tarde a Little Rock no Arkansas.

Não encontrou logo avião para aquele destino, teve que esperar mais de um parágrafo para encontrar um com escala em Lisboa, de modo a partir para Nova Iorque. Acabou por ser possível telefonar à família e amigos mais próximos dizendo ir de férias para os Estados Unidos, foi um impulso e agora está pronto a partir. É certo que todos estranharam, mas encolheram os ombros e nada disseram, já estão habituados a ver Fernando Maia sozinho num aeroporto à espera de partir para um qualquer país com uma nova ideia em mente. É uma pessoa que se habituou a viver sozinha apesar de sentir muito a presença dos amigos, ficar imenso tempo num aeroporto não é novidade para ele. Está ansioso por partir e não se aventura a sair do edifício antes que o avião levante voo, pois lá fora o céu está todo cinzento, exceptuando o círculo que continua sem vértices, à vista de todos mas para onde ninguém olha. As pessoas que por ali passam apenas se preocupam em procurar o seu bilhete de identidade em todas as malas que trouxeram

(Ora vê aí na mais pequenina. Não, não é essa, é na maior, não me digas que o deixei em casa)

, em reclamar no balcão de uma companhia aérea por mais um atraso

(É sempre a mesma história, aviso já que nunca mais voo convosco)

, ou em olhar

para o relógio ansiando pela chegada de familiares provenientes de França

(Ninguém me mandou casar com uma mulher filha de emigrantes)

A linha de partida lá chegou com os atrasos costumeiros nos aeroportos portugueses. A viagem está no seu início, por sinal bem longa a julgar pelas escalas todas que vai ter e pelas páginas que passam quando um avião atravessa o Atlântico. Fernando Maia não sabe qual a reacção do círculo à sua passagem pelas nuvens, é uma nova situação que provará, ou não, a sua influência naqueles fenómenos atmosféricos. Ao embarcar, pôde ver de novo a ilha entre nuvens que o vigia, que o segue para todos os lugares. Como é que um objecto, sem qualquer constituição química, influencia desta maneira a vida de alguém, ao ponto de o levar para um local tão distante?

Dois

Os noticiários abriram com uma notícia diferente. Um círculo sem nuvens deslocou-se do Porto para Lisboa azulando o céu cinzento durante breves momentos e facilitando a passagem de milhares de raios solares. Depois, como um truque de magia, deslocou-se para oeste e desapareceu com a ausência de nuvens algures a cem milhas marítimas da costa. Surgiram inúmeros relatos de testemunhas. No Porto falou-se em poluição provocada pelas indústrias da região do vale do Ave, a população de Aveiro manifestou-se contra uma fábrica de celulose, em Coimbra os estudantes quiseram comemorar o acontecimento organizando concertos e diversão nocturna com muito álcool à mistura, no Entroncamento referiram o aparecimento de um novo fenómeno e em Fátima previram-se novas aparições chegando à Cova da Iria alguns fiéis. Os meteorologistas tiveram espaço em todos os noticiários, permaneceram mais tempo à frente das câmaras do que em trezentos e sessenta e cinco boletins meteorológicos. Disseram desconhecer a origem do fenómeno, podendo estar associado à corrente do Golfo e ao Anticiclone dos Açores. Uns, mais radicais, dizem que o efeito de estufa e o buraco do Ozono provocam cada vez mais alterações nas condições atmosféricas, e por fim, há quem diga que o El Niño pode aparecer fora de tempo. Não há grandes alarmismos, não é caso para isso, antes um súbito interesse público por estes assuntos. O que as pessoas gostam é algo diferente, que quebre a rotina, pode não ter qualquer interesse para o futuro mas todos olham, do mais rico ao mais pobre, do mais culto ao mais inculto. Em todos existe um sentimento que lhes faz acreditar no sobrenatural, mesmo com todas as certezas científicas

(O ser humano tem a tendência, de lá no fundo, onde a escuridão apaga todos os pensamentos, tentar encontrar algo que o diferencie, mesmo quando sabe que esse sentimento não tem explicações científicas racionais)

Por esta altura Fernando Maia vai a caminho de Nova Iorque sentado num confortável banco de céu, tentou adormecer mas não conseguiu, há sempre aquele ruído borbulhante dos quatro motores a cegar os ouvidos. Está rodeado por muitas pessoas, desde a família de emigrantes alentejanos radicados em Newark que se senta na primeira fila até ao Rabino israelita que está ao seu lado. Este seu companheiro de circunstância veste uma túnica negra e tem sobre a sua cabeça de cabelos esquecidos um chapéu redondo que cobre centenas de livros de sabedoria. Uma sabedoria tão antiga como as fartas barbas brancas que lhe chegam ao peito. Deve ter sofrido com a Segunda Guerra Mundial. Pensou Fernando Maia. De certeza que algum familiar ou mesmo ele estiveram num campo de concentração. Deve ser uma mina de História. No avião é possível pensar em tudo e mais alguma coisa, sobretudo quando se atravessa o atlântico e se queimam algumas calorias da vida. O fastio pode assumir dimensões tão grandes que até se tenta decifrar as letras em Hebraico do livro que o Rabino lê, um esforço feito em vão, porque tanto pode ser um livro da respeitabilidade religiosa do Antigo Testamento como um conjunto de relatos das atrocidades da Segunda Guerra Mundial. Pode ser sobre outros assuntos, mas estas associações são logo feitas e é fácil Fernando Maia ficar convencido que se trata de um livro respeitante aos sentimentos e sofrimentos de um povo que se vê ali representado. Pode até ser um romance de um qualquer escritor reconhecido em todo mundo, por ventura português. É impossível descortinar o alfabeto hebraico para um comum ocidental, como Fernando Maia é classificado, ele nada pode concluir acerca do livro, mas conclui porque assim o quer

(Não há regras capazes de impedir alguém de tirar conclusões e por isso este livro retrata algo derivado da cultura Judaica, é assim que Fernando Maia pensa, para ele esta é a verdade)

.Caso o Rabino esteja a ler o tal livro religioso que Fernando Maia imagina, e se se apercebesse do círculo que os acompanha uns metros abaixo, associaria de certo este fenómeno a qualquer passagem desse mesmo livro. Contudo é impossível, porque o círculo se situa por baixo do avião, não havendo assim nenhum ângulo de visão que permita a qualquer ocupante vislumbrar semelhante anomalia atmosférica. Apenas Fernando Maia o sabe, ou melhor, imagina, pois quando o avião passou entre as nuvens ao subir foi fácil de ver que o fez pelo interior círculo não sofrendo nenhum tipo de instabilidade por atravessar uma zona nebulosa. Os pilotos também se aperceberam, mas pouco se importaram, todos aqueles voos são uma rotina de largos livros, e nada os surpreende. É o grande problema das rotinas, tudo se torna tão normal, tão previsível que pouco valor se dá aos capítulos da vida. Muitas vezes são momentos muito importantes e nem se dá por eles, perdem-se grandes alegrias por se ter hábitos que ensombram momentos aos quais só é dado o devido valor quando desaparecem. É errado levar sempre a mesma vida no linha-a-linha, sem objectivos, exceptuando o de cumprir um paginário todos os capítulos, a passadeira de um caminho para o fim de uma vida insignificante. É por pensar desta forma que Fernando Maia voa e tem esta profissão, quer fugir para ter sensações diferentes.

Passado um parágrafo, apesar de estar a percorrer milhares de quilómetros, Fernando Maia sente-se preso, preso a uma cadeira que se chama Monotonia, já não se interessa pelo livro em hebraico, muito menos pelo filme que está a ser projectado e quanto à paisagem exterior, a idade não perdoa, as nuvens não o seduzem como na sua infância. O que piora a situação arrelviadora que Fernando Maia vive, é que nem agora nem nunca na sua vida se sentiu confortável para adormecer sobre esta Monotonia. É um martírio passar tantas linhas sem fazer nada, apenas pensar, divagar, algo que faz sempre, mesmo quando está numa qualquer actividade que exige uma concentração muito elevada. O borbulhar repetitivo dos motores fere os seus ouvidos e a inspiração é silenciada, não sente nada para escrever um novo poema apesar de tanto tentar, sabe que só irá escrever de novo quando pousar os pés no solo do Aeroporto Nacional de Little Rock. Antes ainda há que parar em Nova Iorque, num aeroporto com nome de presidente assassinado, para aí rumar a sul, ao pequeno estado do Arkansas. O pôr do sol chegou quando a última escala atravessou-se no caminho de Fernando Maia, mirou o Israelita pela última vez com a admiração que sempre teve pelos povos martirizados, mas também com um certo tédio de tantas linhas acompanhado por alguém que se limita a ler algo indecifrável. Podia ter conversado com o homem. É o pensamento que se segue ao sentimento, mas não, Fernando Maia nunca foi uma pessoa muito extrovertida, apesar de ser jornalista. As poucas reportagens que faz consistem sobretudo em investigações, quase nunca em entrevistas, sem esquecer os artigos de opinião e as crónicas que lhe valeram o único prémio recebido. Esta sua falta de comunicação, por vezes é uma virtude, evita contactos e aproximações de pessoas indesejadas, mas torna-se um defeito nestes casos, onde uma conversa interessante podia fazer voar um pensamento preso ao corpo. Em vez de tão proveitosa conversa ficaram linhas e linhas de aborrecimento, não se adaptou à Monotonia evidente. As virtudes e os defeitos variam de tempo para tempo, de pessoa para pessoa, como tudo, como o próprio tempo, como as próprias pessoas. É o homem que marca o tempo e o tempo que marca o homem. Como é bem perceptível, o tempo marcou-o de maneira a ter pensamentos inúteis.

O céu de Nova Iorque possui uma limpidez sedosa, ninguém consegue aperceber-se do círculo que segue e guia Fernando Maia, não existirão problemas com a polícia
(seja ela secreta ou menos secreta)

, não existirão problemas com aqueles cientistas que o podem levar para um laboratório qualquer numa Universidade qualquer, onde fariam análises, umas atrás das outras, sugando-lhe o líquido que lhe permite viver, roubando pedaços de si sem autorização, evocando sempre o interesse do Estado. Mas que Estado é este onde nem nasci, para roubar aquilo que mais gosto, ou seja eu? Fernando Maia está irritado, não percebe como é possível que façam semelhante atentado à sua identidade só porque está lá em cima algo anormal. Depois é que reparou que nada disso acontece, foi apenas uma evolução de ideias enquanto passeia pelo exterior do aeroporto à espera de novo avião, não há razão para alarmes, porque nenhum americano conhece a sua História

(Muitas vezes acontecem casos destes, em que uma pessoa desenvolve de uma maneira as suas conjecturas, umas após outras, que acaba por convencer-se que os primeiros acontecimentos seriam realidade, mudando assim muitas vezes o seu humor e as suas atitudes por algo que nunca chegou a acontecer. É esta uma das grandes diferenças entre o Homem e os outros seres vivos, a capacidade de fazer associações até ao infinito sem qualquer aproveitamento prático)

e o primeiro a saber será o habitante de Little Rock com poderes análogos.

No final da noite chegou o parágrafo de embarcar no último dos três aviões, momento para sair de um aeroporto onde se fundem raças, culturas e pensamentos de todos os continentes, entrar no avião e sentar-se numa cadeira denominada Ansiedade. Ansiedade por chegar ao destino e procurar aquele homem que tanto o influenciou, de nome desconhecido mas cujos poderes são de uma cumplicidade autêntica. O vento do americano faz Fernando Maia voar com uma vontade semelhante à que tem quando visita um amigo de infância que não vê há longos livros. Também se sente desconfortável naquela cadeira, pensa que dentro de poucas páginas estará numa cidade desconhecida, só lançou o pequeno olhar ao mapa durante duas míseras linhas antes de partir, lendo um nome que nada lhe dizia na altura mas que faz parte do seu imaginário desde que o círculo nasceu. Como estará o círculo nesta página? Por um lado tem medo que as pessoas se apercebam da situação levando as autoridades a submetê-lo a todas as análises que tanto teme, por outro também tem medo que o círculo desapareça, que deixe de o seguir, não passando a história de uma humilde ilusão, de um modesto sonho. Prefere convencer-se que o único sonho que tem é chegar a Little Rock o mais depressa possível, dormir um pouco e encontrar o famoso homem do vento.

Neste novo avião apenas americanos preenchem os lugares, não se encontram quaisquer Rabinos ou famílias de imigrantes, os empresários encham de fatos e sapatos envernizados os contentores humanos da máquina voadora. Consigo carregam a indispensável mala de mão e usam os óculos escuros mesmo à noite por terem medo de assumir que vêem o mesmo que as outras pessoas. Fernando Maia

pouco admira estas pessoas, parece que não conhecem o amor, apenas sentem paixão por meia dúzia de anéis dourados e por uns automóveis bem polidinhos. Nada mais os move, os indigna, os revolta. Correm, viajam e trabalham para encherem aquelas malas de papéis e papéis que acabam por não dar uso, morrendo com eles. Fernando Maia não tira grandes rendimentos da sua profissão, mas também não se envergonha do que tem. Prefere correr o mundo à procura de algo que não sabe se existe do que fazê-lo procurando encher os seus bolsos de automóveis. Nunca se importou em perder, em gastar ajudando quem precisa ou em utilizar o que possui para correr atrás do que acredita como está a fazer agora, só assim se sente bem, só assim se enche de orgulho.

A viagem continua e depois de regiões de céu limpo, eis que o avião atravessa o Kentucky onde chove bastante, o círculo surgiu de novo no céu e nenhuma nuvem consegue penetrar num local tão sagrado. Algumas pessoas conseguiram vislumbrar o acontecimento e falou-se logo no aparecimento de extraterrestres, de fenómenos paranormais, de bruxaria e tudo o que se conhece dos cinemas. Algumas testemunhas viram luzes, outras encontraram-se com homenzinhos verdes, disseram que as suas vacas foram levadas por um disco voador

(Daqueles que se atiram nas praias e que fazem propaganda a uma pomada contra as micoses)

e pediram indemnizações ao governo. Mostraram fotografias de objectos que voavam cheios de luzinhas e até um cão esventrado numa estrada foi envolvido na história, um homem afirmou de joelhos que o animal foi atingido por um raio alienígena. Nas televisões locais os boletins noticiosos interromperam a programação habitual. Utilizando imagens de vídeo amador, os meteorologistas foram convocados a prestar declarações mesmo desconhecendo os acontecimentos do lado de lá do Atlântico. As informações que vêm de um pequeno país europeu que muitos pensam ser na América Latina pouca importância têm

(Num país de área dilatada, pouca importância se dá às zonas afastadas dos grandes centros de decisão)

e a associação do círculo do Kentucky ao que sucedeu em Portugal no início do capítulo é nula. É comum ignorar países menores, pouco significam, são mais pequenos do que muitas províncias. A aguda voz proveniente destes Estados esquecidos choca com o muro azul onde repousa a Atlântida e nem o mais subtil ouvido consegue perceber sons tão distantes.

Entretanto, e após a zona nebulosa ter ficado para trás, a Ansiedade vai crescendo sob Fernando Maia, que depois de ter lido dezenas de vezes a revista da companhia aérea e de ter decorado todos os destinos dos voos regionais, começa a sentir-se empurrado para a janela, não tirando os olhos do vidro nem por uma linha. A sua visão é transparente mesmo com as pálpebras semicerradas de tantas páginas sem dormir. Pode haver mais cansaço nas artérias do que sangue, mas o líquido que corre em maior quantidade pelo corpo é o desejo de chegar ao destino, de encontrar a pessoa que procura. Mesmo com a fadiga, se o americano que procura puder estar com ele na linha seguinte à chegada, Fernando Maia não terá dificuldade em coagular o cansaço, deixando o desejo correr até ao coração. De qualquer forma, em princípio nenhuma urgência será necessária, o americano não deve ter a sua vida tão afectada pelo vento para que saia de Little Rock de um capítulo para o outro. Talvez agora seja gozado pelos colegas ou olhado de alto a baixo por quem o vê, talvez tenham que continuar a fazer testes todos os parágrafos ou todos os capítulos, mas em princípio nada que altere a sua estabilidade diária. E mesmo que altere, a busca do Português continuará até se cumprimentarem, não se deslocou a Little Rock para passear de barco no Rio Arkansas.

O avião assentou o trem de aterragem em terra firme e Fernando Maia pode dizer adeus à Ansiedade e passar por uma porta chamada Alegria, é uma porta de uma imensidão incomensurável, sempre aberta para permitir passar uma terna brisa que lhe penteia os cabelos. Todo o cansaço se dissolve só de pensar que está a pisar o mesmo solo onde está a pessoa que procura, a pessoa com quem quer falar, resta saber se ela o vai ouvir. As malas parecem demorar uma biblioteca a chegar, mas depois dos seus olhos de azeitona as terem vislumbrado, quando as suas pequenas mãos as seguraram, passou a sentir-se uma larva que se transformava em borboleta. Correu, parecia uma criança

(daqueles que põem os pés nas poças de água e estragam as botas novas)

que corre com alma mas sem destino. Depressa se acalmou, as pernas começaram a fraquejar, o capítulo de viagem foi pesado e Fernando Maia está demasiado trôpego ao sair do Aeroporto Nacional de Little Rock. Os seus desejos tiveram uma alteração provisória, o que mais quer neste momento é um chuveiro e uma cama onde possa resvalar e adormecer permanecendo imóvel até ao início do próximo capítulo. Depois irá procurar o tal homem, falar do que aconteceu para trocarem experiências e tirarem conclusões acerca da génese destes acontecimentos peculiares. Entrou num táxi e pediu ao motorista para o levar ao Hotel Confortável No Centro como fazem todos os viajantes que pela primeira vez pisam solo desconhecido. O taxímetro começou a contar o número de crónicas que terá que fazer para pagar a viagem, mas o que prende a atenção de Fernando Maia é o céu, está um azul fresco a cobrir a harmoniosa conjugação de prédios

espelhados com casas de duas frentes. Nota-se nesta harmonia que desenharam tudo a regra e esquadro, sem aquele ordenamento urbano desalinhado que transmite uma alma muito própria às cidades mais antigas, tornando-as diferentes de todas as outras. Em Little Rock esta alma não existe, apesar de ter uma brisa agradável e uma paisagem bela não há identidade, algo que a distinga de todas as outras para além do Old Mill, ou da Catedral de Santo André. São apenas os monumentos que tornam a cidade diferente, nada mais. A viagem de táxi não foi muito longa, a orientação pelos quarteirões das regras e dos esquadros é fácil e Little Rock não é muito grande, nem meia página passou e Fernando Maia já está a retirar as malas para entrar no Hotel Confortável No Centro. Providenciou os seus dados pessoais à rececionista e subiu as escadas com cuidado porque ainda sente o pequeno hematoma que o acompanha desde o tropeçar num degrau no outro lado do Atlântico. Após entrar no quarto e despir-se, Fernando Maia começou a sentir a água quente escorrer pelo seu corpo e sentiu-se nas nuvens. Mas como os bons momentos nunca são eternos pouco tempo depois estava a secar-se. Ligou a televisão do quarto, tentou vislumbrar algo e adormeceu ainda antes da página do jantar para não mais abrir os olhos neste capítulo.

Três

Quando a manhã aconchegou a tarde, Fernando Maia abriu os olhos e sentiu-se recuperado por ter a razão da viagem ali tão perto. Correu para a recepção do Hotel Confortável No Centro como tinha corrido para fora do aeroporto, é um cão esfomeado movendo-se em direcção à sua lata de ração

(sim, porque os cães já não são carnívoros, comem umas mistelas de péssimo aspecto e odor nauseabundo que os donos lhes dão, certos que os enlatados fazem melhor à saúde canina que um belo naco de carne)

Junto do recepcionista teve que utilizar o seu melhor inglês para ser compreendido

(O diálogo é transcrito na língua em que se processa toda a narrativa pois é da mais elementar coerência fazê-lo)

: Bom Capítulo, eu sou um jornalista português e quero falar com o senhor que é perseguido pelo vento. Sei de quem está a falar, é agora uma das pessoas mais famosas da cidade. mas detesta jornalistas, não sei se vai ter sorte. Podia-me dizer onde o posso encontrar, ou dar algum contacto? Não faço ideia do local onde reside. mas numa linha destas vi na televisão uma reportagem com ele numa Igreja católica. parece que a frequenta por acreditar que os seus poderes são divinos. para além desse sítio só conheço o hospital onde faz as suas análises diárias. Podia-me facultar o endereço da igreja. Claro, aqui o tem. Já agora como é que ele se chama? Pensei que o seu jornal lhe deu essas informações. na generalidade, os jornalistas que passam por cá já sabem quase tudo sobre o homem e acabam por fazer uma visita inconsequente. Mas diga-me o nome de qualquer maneira, a sua função é dar informações e não fazer apreciações. Ele chama-se James Anderson. Obrigado e peço desculpa pelas palavras que disse agora mesmo, não foi para o ofender. Não faça caso disso, boa sorte. Fernando Maia não está em missão jornalística, mas aproveitou-se da sua área profissional para interpelar o recepcionista, pois ninguém

(Nem mesmo um recepcionista do Hotel Confortável no Centro)

pode saber as razões da sua vinda. Aliás, a primeira pessoa a quem irá contar o que se passa consigo é o tal James Anderson e até encontrá-lo o português desempenhará o papel de jornalista mostrando sempre que for preciso a sua carteira profissional.

Chamou um táxi e nele percorreu os poucos quilómetros que separam a unidade hoteleira Confortável No Centro da igreja onde pode estar o tal James Anderson. É necessária uma casualidade imensa

(escreve-se casualidade já que sorte não é uma palavra correcta pois tudo deriva da probabilidade)

para encontrar de imediato o homem que se tornou no único objectivo da sua vida neste livro. De qualquer forma, mesmo que não o encontre, o pároco ou algum fiel que esteja na igreja devem dar algumas pistas, possibilitando mais cedo ou mais tarde o encontro entre Fernando Maia e o americano que controla o vento. Já pensou em ir ao hospital procurá-lo mas tem medo de ser detido para averiguações. Há também a hipótese de percorrer com o indicador a lista telefónica e perder o seu tempo na página dos Anderson até encontrar o nome James, mas depois pensou melhor nas suas capacidades e viu que não faz parte da sua personalidade bater à porta de desconhecidos, não tem audácia suficiente para semelhante acto. Quando acabou de pensar melhor, o táxi estava terminar a sua viagem aparcando em frente à igreja. Fernando Maia lá deu a crónica e o artigo de fundo que o taxista tanto necessitava para sustentar a família, e de seguida olhou para um templo bem diferente daqueles a que está habituado em Portugal. Em vez de ver paredes caiadas de branco tingindo de pureza todas as mentes, viu alvenarias de tijolo burro sem qualquer gota de tinta a revestir, o ar torna-se mais denso, quente, existindo um telhado de cor cinza a atenuar a temperatura visual do edifício. O único aspecto que diferencia a fachada da igreja da fachada de uma casa comum é a entrada em abóbada e uma ou outra cruz desamparada. Apesar de ser uma igreja católica, o agnóstico que é Fernando Maia demorou a acreditar que o templo pertence a esta corrente do cristianismo. Fernando Maia está habituado a edifícios com o ar formal, com uma arquitectura capaz de os distinguir das comuns habitações, sejam eles modernos ou antigos, e ali vê-se um edifício enquadrado na perfeição com o ordenamento urbanístico da zona.

A coincidência de encontrar James Anderson não surgiu mas a segunda opção foi certa, o padre estava a descer a meia dúzia de degraus que suprimem a desigualdade topográfica entre a igreja e a rua, quando o táxi partiu. Fernando Maia deslocou-se de encontro ao guardador do rebanho do seu deus e foi direito ao assunto: Boa tarde, eu desejava falar com o senhor James Anderson, disseram-me que o

posso encontrar aqui. Vejo que é jornalista, ele não presta declarações neste momento. Mas eu não estou aqui nessa função, tenho algo muito importante a transmitir-lhe. Não sei se existe algo mais importante que a privacidade do irmão. Asseguro-lhe que é muito importante e nada tem que ver com a imprensa. Não me está a provar que seja verdade. Uma pessoa é sempre inocente até ser considerada culpada. Ele está lá dentro, mas peço-lhe que não interrompa o seu momento introspecção. Eu aguardo cá fora, muito obrigado. De nada, Deus o abençoe. Quando Fernando Maia se sentou à espera de James Anderson começou a sentir uma nova cadeira chamada Ansiedade Segunda

(Proveniente da nobilíssima casta Ansiosa)

e a sua frequência cardíaca superou as cento e cinquenta pulsações por linha. Está tudo tão perto como uma unha junto ao dedo, e depois de tantas linhas, tantos quilómetros, apenas falta ver uma porta entreabrir-se, uma perna fora da igreja, depois outra e lá está ele ali mesmo à sua frente ao lado de uma mulher jovem mas sem cara jovial. Bom parágrafo, posso saber o seu nome? Joe Clinton. Desculpe, estou à espera de outra pessoa. Fernando Maia apercebeu-se que não se lembra da cara de James Anderson nem da sua fisionomia, pouca atenção prestou à reportagem naquele capítulo chuvoso de Agosto em que tudo começou. Pensando nesse capítulo tentou vislumbrar uma nuvem no céu, não sabe se continua a possuir aqueles estranhos poderes pois o firmamento está limpo, não há nenhuma nódoa branca a retirar pureza ao azul. Uma cor que o hipnotiza de tal maneira que só o passar de uma mão pelo seu ombro o fez desviar a atenção daquela magnífica paisagem. Bom parágrafo. desculpe incomodá-lo, observo-o há algum tempo e vejo que há meia dúzia de linhas que não tira os olhos do céu, tem algum problema no pescoço ou está a ver coisas que eu não vejo? Desculpe, é que estou à espera de uma pessoa. o senhor James Anderson, não sei se o conhece. Claro que o conheço, desde que nasceu, mas ele nunca viu o senhor na vida. Deixe-me só chegar para aqui que estou a sentir uma corrente de ar. Aí também tem uma corrente de ar, aliás, tudo que nos rodeia pode ser alvo de uma corrente de ar. É o senhor que procuro! Parabéns, estava a ver que não adivinhava, mas aviso desde já que não dou entrevistas, estou com pressa, bom parágrafo. Espere, não é isso, tenho algo muito importante a dizer-lhe. Mais importante que o meu almoço? Claro que sim, venho de Portugal mostrar-lhe algo que me aconteceu relacionado com o que se passa consigo. De Portugal? isso parece ser longe, entre aqui no meu carro e almoçamos juntos, mas aviso-lhe já, se estiver a gozar comigo obrigo-o a pagar o almoço. Os olhos negros de Fernando Maia sorriram sem mentiras. Está em frente a alguém que nunca ouviu falar até há dois capítulos, mas que neste curto espaço de tempo tornou-se a pessoa por quem mais ansiara encontrar-se em toda a sua vida, é um sonho que se realizou. Na viagem contou-lhe a História, com todos os pormenores, até a falha de corrente eléctrica fez parte do seu discurso. James Anderson ouviu com atenção fazendo perguntas sempre que tinha dúvidas, e no final, já que em cada homem há um São Tomé, quis ver para crer. O céu está limpo, vai ser difícil. Está bem, então vamos comer e depois falamos sobre isso, eu pago a minha parte, esteja descansado.

Foram a um pequeno restaurante que James Anderson conhecia, todos os empregados tratavam-no de uma forma muito afável, por saberem que a sua presença atraía muitos clientes e, além disso, porque nos capítulos mais quentes nem se notava a ausência do ar condicionado. Depois de terem escolhido os pratos começou a fazer uma auto-caracterização por iniciativa própria. James Anderson é um engenheiro electrotécnico que trabalha numa empresa de telecomunicações da região, divorciado e com um filho, o qual não vê há quase um livro pois o Júnior e a ex-mulher de James Anderson vivem no estado de Washington, no norte do país. É um aficionado pela pesca e por certos desportos norte-americanos pelos quais Fernando Maia tem pouco interesse. O português estava a sentir-se desconfortável com aquela brisa gélida que sentia pela frente e decidiu interromper James Anderson quando este falava da última final do campeonato de futebol americano. Como é que tudo começou para si? Está a falar do gosto por futebol americano? Estes equívocos são vulgares, Fernando Maia não prestou qualquer atenção aos relatos do jogo, o seu pensamento vai apenas para o fenómeno que os juntou e provocou o seu último espirro, nem reparou que o contexto da conversa estava na linha das quarenta jardas. Não. estava a falar dos seus poderes, do vento a guardar-lhe as costas. Então James Anderson lá explicou que tudo se deu de um parágrafo para o outro, quando acordou sentiu uma enorme corrente de ar e por mais portas e janelas que fechasse, tudo continuava na mesma. A partir daí ficou convencido que o vento estava a persegui-lo e não encontrando uma razão para o que aconteceu, pelo menos natural, recorreu Deus pois era católico se bem que não praticante e um bocado afastado de todas as crenças. Seguindo a sua fé, entrou na igreja onde baptizou o seu filho e falou com o padre para ver se este conseguia explicar o fenómeno. O padre não conseguiu, mas aconselhou-o a deslocar-se ao hospital para fazer exames. Seguiu o conselho do patriarca e nas ditas análises veio a verificar-se que estava tudo bem em termos fisiológicos. Por sua vez o vento não era perceptível nessa altura, aliás a velocidade varia, umas vezes pouco se nota, outras vezes é uma brisa bem soprada como a que estão a sentir neste momento. Estas variações de intensidade também são inexplicáveis, não consegue associar o vento à sua vida quotidiana, pouco tem que ver com o

posicionamento, já que por exemplo, naquela Igreja com os bancos virados para norte, tanto sente uma gota de vento como uma enxurrada que preocupa os fabricantes de ar condicionado

(Vêem ali uma forte ameaça ao seu negócio caso se trate de alguma patologia transmissível)

. O único local onde se verificam sempre as mesmas condições é o hospital onde são feitos os mais diversos exames e análises. Lá, e para a maior decepção dos cientistas, a velocidade é tão ténue que um caracol ficaria envergonhado se se deslocasse com aquela celeridade quase estática. As autoridades pisavam todas as suas pegadas, nada passava despercebido até uns capítulos antes, mas após páginas e páginas de intensos testes infrutíferos começa a haver uma certa decepção nos cientistas que o analisam e o fenómeno é posto em causa tal a fraca intensidade do vento naqueles momentos. Além disso James Anderson está também a ficar farto de tantos testes e interrogatórios, e as suas deslocações à igreja são uma forma de se defender daquele cenário. Como disse antes, James nunca foi um católico fervoroso, acredita em Deus, e tem uma formação cristã tal como o seu filho, mas nunca praticou, poucas vezes entrara naquela igreja, apenas em ocasiões especiais. Só a partir do capítulo seguinte ao facto que condicionou a aragem sua vida chegou à conclusão que o vento só pode ter origem no sobrenatural, e se existem factos sobrenaturais, estes pertencem de certeza a deus. Na noite seguinte à descoberta não dormiu, não conseguiu habituar-se à porta que batia por acção da corrente de ar e não foi capaz encontrar um epílogo para o seu problema, pousando todo o assunto na gaveta dos assuntos de Deus, que é aquela para a qual os seres humanos deitam tudo o que não conseguem explicar. E como a de James Anderson estava ainda muito vazia, não teve pejo em pousar lá os novos papeis. Fernando Maia não concordou com esta aproximação à igreja, pensa que aquilo tem uma explicação científica, se bem que indecifrável para os sábios e a tecnologia da época contemporânea.

O almoço terminou e James Anderson decidiu convidar Fernando Maia para ficar em sua casa. Gostava imenso de ver os seus poderes e poder confrontá-los com os meus. Sim, também anseio pela chegada do mau tempo, até pareço um agricultor que necessita da chuva para sobreviver ou um pescador que quer sair para o mar e não pode. Então vamos ao seu hotel, pegamos nas suas coisas e levamos para minha casa. A caminho discutiram vários assuntos, das profissões que tinham à sua vida familiar, o anfitrião foi mostrando a sua cidade, as artérias mais importantes, evocava acontecimentos que marcaram a sua vida, numa esquina, numa rua, num passeio, uma vida algo longa como se podia ver pelos seus cabelos brancos que num passado não muito remoto foram loiros. Quanto ao céu, esse continua na mesma, tão azul quanto os olhos do cicione de circunstância, o vento não se sente nas suas costas, dado que o vidro traseiro do carro não permite a entrada de correntes de ar. A instabilidade atmosférica não se forma logo ali junto às costas de James Anderson mas alguns metros mais atrás, daí que o vento fique do lado de fora do automóvel ajudando o americano a poupar uns três ou quatro litros de gasolina aos cem quilómetros

(Em vez de gastar trinta, gastava vinte e seis ou vinte e sete)

. A passagem pelo Hotel Confortável No Centro foi breve, apenas serviu para Fernando Maia pegar nas malas, enriquecer a multinacional hoteleira com um quilograma de crónicas e voltar ao carro para este se fazer de novo à estrada. O lar que aconchega todas as noites do americano tem toda a simplicidade da madeira e como tudo o que Fernando Maia observara desde que chegou a Little Rock, a casa de James também se confunde com milhares de outros lares. Na sua rua, as principais diferenças entre as casas estão nos jardins, transformaram-se no estádio onde jogam todos os vizinhos, tendo cada um a certeza que sai de lá vitorioso, ou seja com o pátio mais ornamentado

(semelhante sentimento mútuo de vitória entre adversários acontece nas eleições em que todos os líderes se consideram vencedores para segurar o seu lugar no partido)

. Esquecendo o jardim, a casa de James Anderson é um poço de desordem, tal como no lar de Fernando Maia é perceptível a falta de uma mulher para ordenar o caos, não há aquele toque que dá uma aparência arrumada a qualquer desarrumação. Pacotes de batata frita pelo chão, pipocas com capítulos de longevidade e latas de cerveja tombadas pela velhice são a decoração da sala onde o americano recebeu o português.

Quando se sentaram naquela sala de decoração personalizada, ambos tinham o pensamento direccionado para a televisão, querem saber quando vai chover para confrontar os dois fenómenos estranhos que os perseguem. Olhos nos olhos, numa conversa de círculo para vento, verão qual a reacção do clima. Sem dizer qualquer palavra, James Anderson ligou a televisão, e entre as centenas de canais que um cabo lhe traz, lá está um dedicado à meteorologia que apresenta prognósticos para o sudeste asiático e mostra em rodapé as temperaturas que se fazem sentir em cidades com nomes estranhos e melódicos. Porém, a imagem do Vietname vista do espaço deixou de aparecer para se passar a um programa de informação especial, algo pouco habitual em canais televisivos deste tipo. Falaram de uma tempestade que assola o México e que se aproxima do Sul dos Estados Unidos, é uma tempestade normal, não se trata de um daqueles ciclones com nome de mulher que inunda de amargura cidades inteiras, com a água

a dissolver famílias. Uma simples tempestade, chuva forte, alguns relâmpagos, nada de intensidade alarmante, mas algo invulgar nas chuvas. O temporal teve origem no Nordeste Brasileiro e foi-se deslocando para o interior, contrariando todas as previsões e correntes começou a subir, a percorrer a América Central chegando México cinco capítulos após o início. Um novo fenómeno, segundo as palavras que se libertam da televisão, só comparável ao círculo que apareceu no Kentucky no capítulo passado. Fernando Maia soltou um sorriso de orelha a orelha quando ouviu a primeira referência ao seu círculo, voltou a ter a certeza de possuir o poder. Soube que sobrevoou o estado do Kentucky depois de ter olhado longas linhas para o mapa de destinos que estava na revista da companhia aérea. James Anderson também sorriu, mas apenas de bochecha a bochecha, está ali a prova que há algo que os aproxima, resta saber a razão da tempestade. Ambos temem que algo lhes aconteça, as autoridades têm James Anderson debaixo de olho e quando se aperceberem dos novos desenvolvimentos, maior será a perseguição a este homem, que não é menos americano que os outros, não é menos honesto que os outros, mas cujo nome corre por todas as agências de polícia secreta, o que não acontece com muitos criminosos e espíões. Depois dos sorrisos iniciais, sentiram que tudo se torna perigoso para ambos e a melhor notícia que puderam ter acabou por ser aquela que disse que o céu continuará limpo pelo menos até metade do próximo capítulo, um contraste bem evidente com o desejo que tinham meia dúzia de linhas atrás. Mostra-se uma vez mais a influência do tempo na vida dos homens, neste caso foi o tempo a modificar o mais profundo desejo de duas pessoas, provocando acontecimentos que ocorrem no espaço físico da Terra. Nunca se pode falar de tempo ou de espaço como algo distinto, pois não se conseguem separar nem um do outro, nem os dois de Fernando Maia, que ao mesmo tempo que pensa em temas filosóficos como esta divagação espaço-temporal sentiu um arrepio no espaço da espinal-medula. O medo apoderou-se de si como nunca aconteceu, começou a sentir-se condenado a viver num laboratório para o resto da sua vida, não se sente revoltado mas cabisbaixo, com vontade de fugir, com medo que tudo possa correr mal. Acordou desses pensamentos com a insegurança de ideias que sentia, voltou ordená-las e regressou a opiniões como: Se estou aqui é por alguma razão. não há contrariedade alguma que me faça desistir. algo está diferente em todo o mundo, e eu estou associado a isso. Por momentos saboreou um pouco o egoísmo que todos têm, mas depressa o abafou para se tornar o modelo de pessoa que sempre sonhou ser. Segundo os ideais de Fernando Maia, para sermos algo, é preciso antes pensar que o somos sem o sermos, só assim nos adaptamos a essa realidade futura e só assim ela acaba por aparecer. Parece funcionar em si esta ideia, mesmo sendo proveniente do senso comum, e apesar do egoísmo animalesco do Homem, um capítulo Fernando Maia convenceu-se que era altruísta para mais tarde o ser.

Esta inquietude deve-se ao silêncio em que mergulhavam, pouco falam nesta altura, James Anderson mudou de canal e agora bebe uma cerveja enquanto vê um jogo de Basquetebol feminino. Bem, tenho que ir ao carro buscar as malas. Tem aqui as chaves, o seu quarto é lá em cima, na primeira porta à direita. bom capítulo, eu a seguir ao final do jogo também vou dormir, não me apetece jantar. Fernando Maia não gostou muito desta atitude, estava à espera de uma ajuda para carregar as malas ou pelo menos, uma indicação personalizada do quarto onde vai dormir. Nada disse, apenas um Bom capítulo saiu dos seus lábios, deslocando-se em direcção ao carro para poder pegar nas malas. James Anderson nem reparou que foi antipático, muitas vezes esquece-se das regras de boa educação, e sendo um esquecimento não é uma atitude propositada. Não tirou os seus gélidos olhos da televisão, enquanto os de Fernando Maia transpiraram ao subir as escadas para pousar a remessa de malas num quarto que pelas dimensões e decoração aparenta ser do Anderson mais jovem, aquele que está algures no estado de Washington com a sua mãe. Deixou tudo em cima da cama e voltou ao carro para o fechar e pegar nos seus últimos pertences. O automóvel aparenta ser uma banheira

(Não um polivã, uma banheira com torneiras, chuveiro e tudo)

, dada a sua construção que privilegia as grandes dimensões, como tudo naquele país, desde as cidades até às estátuas, das multinacionais aos arranha-céus, dos jogadores de basquetebol ao armamento de guerra, contrastando com o cada vez mais reduzido volume das novas tecnologias como os telemóveis e os computadores, em que o objectivo dos americanos é serem os mais pequenos do mundo. Fernando Maia sente-se num país de extremos, só se presta culto às dimensões, às grandezas, sejam elas de uma enormidade digna de Golias sejam de elas uma pequenez digna da mais insignificante lesma

(Culto este, diga-se de passagem, de uma inteligência semelhante aos dois seres referidos, Golias e uma lesma)

. Entre os últimos pertences está o Impermeável, não precisa dele agora, mas quando saiu de Mindelo não fazia a mínima ideia das condições atmosféricas de Little Rock. Também reparou que ainda não está habituado ao círculo e continua com uma vida normal, precavendo-se da chuva que não cai nos seus ombros. Sentiu-o ainda molhado, passou a mão pelos bolsos e lá está a folha branca de papel onde escreveu o poema umas páginas antes, sorriu e voltou a lê-lo. É a última recordação que tem do país onde vive para além daquelas etiquetas verdes e brancas dos aeroportos que

envolvem as malas e que nada lhe dizem, ao contrário do poema, que relembra todos os momentos passados em locais que farão parte do seu imaginário até aos últimos parágrafos, porque preencheram páginas e páginas dos capítulos mais longos de toda a vida, os capítulos passados na infância. Leu as suas palavras, algo que não é habitual, quase nunca relê o que escreve, guarda tudo numa gaveta bem maior que a de assuntos religiosos de James Anderson. Páginas tantas, acabava por ler um ou outro, como neste caso, em que ali, sozinho saboreia o paladar das suas palavras. Sentiu um peso nos olhos, uma gota quis sair de lá, mas conteve-se porque mesmo à sua frente estava James Anderson a olhá-lo com um tom interrogativo na face, não percebe porque está Fernando Maia como uma estátua a segurar um papel amarfanhado. Estava aqui a ler algo que escrevi no capítulo anterior à minha vinda, faz-me lembrar a minha terra, e começo a sentir a sua ausência. Também gosto bastante de literatura. Não se pode chamar literatura a este papel, apenas algo sentido com o qual me identifico. Poesia? Talvez, depende do conceito de cada um. Eu nas linhas vagas também sou poeta, mas por acaso já não escrevo desde que o vento começou. Ser poeta não é escrever nas páginas vagas, é muito mais, é dizer numa palavra o que mil imagens não conseguem explicar, é modelar sentimentos e encher uma folha branca de alegria e tristeza, é ser algo que acho que não sou, só os génios o são. Para mim ser poeta é saber escrever poesia, versos, é simples, vocês os latinos é que complicam o que está logo visível. mas já agora pode traduzir os seus versos? Fernando Maia traduziu-lhe o poema e depois leu-o em português, para ser perceptível a melodia das palavras. James Anderson disse que gostou, mas não se sentiu muito identificado com aquele tipo de escrita, demasiado solta para ele. Não lhe pareceu poesia pura, prefere algo diferente, que decidiu mostrar ao seu visitante. Indicou-lhe o caminho até ao seu escritório e pegou num papel pousado numa gaveta habitada pela desordem conhecida. Se esta gaveta está assim tão desarrumada, como é que estará a gaveta de Deus com esta nova remessa de assuntos lá metida? A palavra infernal é a resposta mais provável, no entanto seria uma hipérbole, porque a gaveta de Deus é uma gaveta psicológica e uma desorganização material nada tem que ver com o que se passa no cérebro, que até pode ser muito bem organizado no raciocínio. Esta arrumação psicológica não é perceptível a Fernando Maia que não conhece James Anderson há tempo suficiente para lhe chamar Desorganizado Mental, também não é algo que preocupe o português, não está interessado pela personalidade do americano, mas sim na filosofia em geral e na de James Anderson em particular. Esta é a primeira pista para a conhecer:

Sonho

*Uma vida minha bem escondida
é rica no futuro do passado
Uma luz branca nunca é esquecida
Um pensamento antigo retornado*

*Uma Estrela em céu nocturno nublado
Um conceito subjectivo concreto
Mapa sem caminho determinado
Fantasma vermelho passa discreto*

*Sol quente de dia, noite cerrada
Num quadro, vogal entre consoantes
Rua deserta, mal iluminada*

*Bem mal amado mas sempre preciso
Calor e frio, com ventos constantes
Olhos castanhos num doce sorriso*

(O poema escrito naquele papel está na língua de James Anderson, mas se é verdade que a poesia não tem tradução, também não é mentira que a poesia não tem fronteiras e é capaz de juntar o universo numa palavra. Por esta última razão é que o poema não é uma tradução, mas sim um conjunto de palavras como se fossem lidas por uma pessoa com origens Anglo-Saxónicas. O leitor e o sujeito poético neste caso são do mesmo país, o país da poesia, e aí se sentem unidos porque na humanidade não há nacionalidades, apenas pessoas, e deste ponto em diante toda a poesia escrita em línguas diferentes não é uma tradução para português mas um viajar de uma língua para outra como se o leitor conhecesse a língua de destino desde que nasceu)

Como James Anderson há pouco, Fernando Maia não se sentiu muito identificado com o que por ali está escrito, não gosta de tantas rimas e métrica, não vê qualquer cunho pessoal no poema, apenas um desenrolar de ideias com uma certa sequência lógica para quem escreve. Espalhou o desagrado na face de

uma forma menos encriptada que o americano quando leu as suas palavras. James Anderson foi mais subtil, mas também não apreciou a poesia do português de maneira alguma, a única diferença que encontra para um texto em prosa é o modo de fazer parágrafos, nada mais, manteve uma postura elegante, educada, observando o ar pensativo do português, ao contrário do rosto retorcido deste após a última leitura. Fernando Maia, tentando camuflar divergências entre ambos, lembrou-se de algo ligado à razão da viagem, razão esta que penetra em todos os pensamentos, escreveu aquele poema e nesse preciso momento o círculo aconteceu, nunca associou um facto ao outro, porque caso o fizesse, essa associação podia ser nivelada pelo patamar do Senhor Joaquim das Lousas. Na altura nem sequer pensou em tal caso, mas depois de ver que James Anderson também escreve alguns poemas, descobriu que pode existir uma relação causa e efeito mais forte do que a simples coincidência. O estilo de poesia pode ser muito diferente, mas o espírito é semelhante, ambos escrevem da maneira que acham mais correcta, seguindo as suas próprias ideias já consolidadas, algo mais os une, a exclusividade de união atribuída aos fenómenos atmosféricos terminou, pode então existir uma relação entre a poesia e o tempo, apesar da hipótese de ser tudo uma mera mas feliz coincidência não estar descartada. Fernando Maia não hesitou em falar desta sua nova explicação, e não demorou muito tempo, pois o seu pensamento desenvolve-se tão depressa como a leitura, e por isso a uma velocidade muito superior a um qualquer diálogo. Quando é que escreveu este poema? Não me lembro bem, mas foi antes do vento nascer, agora não tenho tempo para a poesia. Não terá sido na noite inicial? Talvez, não posso precisar. mas pelo que me ocorre agora, penso que foi. não me diga que também escreveu o seu poema e o círculo apareceu logo a seguir? É verdade, não me lembrei na altura mas de facto aconteceu. Eu bem lhe digo que existem fenómenos sobrenaturais, é provável que estejamos perante uma ordem de Deus. foi Ele que nos quis juntar. Pode ser apenas uma coincidência. Uma coincidência que envolve fenómenos tão estranhos? Mesmo que não seja uma coincidência não se pode pensar em Deus, mas sim em nós mesmos que estamos aqui juntos graças aos poemas que escrevemos, o nosso destino foi desenhado por letras num papel, apesar de na altura nada sabermos. agora há algo que nos une, une de uma forma superior, tudo acontece graças a nós. para quê acreditar primeiro em algo exterior antes de acreditarmos em nós próprios? Esse ser exterior que fala, não é exterior, ele engloba-nos, está em todos, e baseia-se na fé, algo que depende de cada um. além do mais, é mais lógico acreditar nas capacidades de alguém em quem biliões de pessoas acreditam do que numa pessoa que poucos conhecem. Mas essa pessoa que ninguém conhece foi quem escreveu um poema que mudou o mundo exterior. alguém que provocou uma alteração significativa apenas com o uso das palavras. E se essas palavras têm origem num Deus que quer transmitir a sua mensagem? O meu poema é demasiado pessoal para ser a mensagem de outro. Nunca se sabe se esse egoísmo não é fruto de uma tentativa de Deus o ajudar. Sim, é verdade que necessito de ajuda, mas agora, neste momento. não sei o que podemos fazer, estamos juntos, mas e depois? Boa pergunta, não faço a mínima ideia, o melhor é esperar que aconteça algo, talvez pela chuva, não sei. Mas é bom ficarmos calados, nada dizermos a ninguém. Se eles ainda não sabem, é que não duvido nada que tenham posto microfones por todo lado para perceberem melhor a minha vida. Com este trocar de palavras, o que no início era considerado como uma coincidência passou a ser algo certo, e agora a dúvida não está na origem dos acontecimentos mas sim na razão. James Anderson está cada vez mais convencido de se tratar de um fenómeno divino, e o sono de há pouco desapareceu. Voltou ao sofá e sentou-se, Fernando Maia seguiu-o e permaneceram bastante tempo com os olhos bem abertos. O anfitrião deixou de olhar com consciência, perdeu-se no infinito, pensa a uma velocidade alucinante, em tudo o que se passou e tudo o que pode acontecer. Pensou que se não fosse buscar uma nova cerveja, se não encontrasse Fernando Maia com o Impermeável na mão e especado a olhar para o seu poema, nunca poderia mostrar o seu soneto e esta conclusão nunca teria sido tirada. Mas se Deus existe tudo foi provocado por ele e essa coincidência acaba por não o ser, é como a relação dos poemas com o círculo e a direcção do vento, o que no início parecia um acaso afinal não o é, pelo menos para eles. Agora já se lembra da noite em que escreveu o sonho, foi mesmo na noite anterior a acordar sentindo aquela estranha corrente de ar nas costas e recordando cada vez mais esses momentos, a sua memória acabou por transpirar acontecimentos que por lá estavam guardados desde essa altura. Conseguiu ver com limpidez as linhas que sucederam a escrita do poema, sentiu frio na altura, chegou a percorrer a casa toda à procura de uma porta aberta e acabou por decidir ligar o ar condicionado do seu quarto para não sentir a pele a cacarejar. Com a temperatura amena adormeceu e o sono não permitiu novos pensamentos, esquecendo a sensação desconfortável provocada pelo vento. Como todos os pensamentos estão ligados pela tal corrente de titânio, apercebeu-se nas vezes que utilizou o verbo sentir na última página, tinha que dar uma certa razão a Fernando Maia, porque a poesia fez com que ele sentisse algo diferente, os sentimentos e as sensações fundiram-se num só corpo. Contudo decidiu não dar o braço a torcer e apenas falou no que chegou dos confins da memória, do gelo de uma noite de Verão, da corrente de ar que nasce na mais profunda das noites. Fernando Maia ouviu, e concordou acenando com a cabeça.

Também o português a voa pelas mais camufladas divagações, mas em Deus não pensou, acredita em si próprio e nos sentimentos que o trouxeram aquele lugar e o levaram a conhecer uma pessoa nova da qual nunca teve notícias até umas páginas antes. Agora está do outro lado do Atlântico

(Do outro lado de biliões e biliões de hectolitros de água)

e sente-se a viver como escreveu no poema. Adorando a vida. Num mundo de esquecimentos e desilusões, afinal os sentimentos também contam, não só para os homens como para o mundo enquanto um todo, bem unido como uma gigantesca bola de ténis de mesa. Se calhar com esta nova lufada de ar fresco a bola pode sair da monotonia da mesa, onde salta entre duas raquetes que tão mal a tratam, alcançando a liberdade que sonha algures num local sem redes. Fernando Maia sonha com o futuro, mas esta palavra faz com que a sua coluna vertebral sinta algo a subir, os capítulos que se seguem serão de fugas e esconderijos para que ninguém saiba o que se passa, muito menos quem detém o poder

(E as raquetes)

. Quando não estiver a fugir terá que esperar por algo que não sabe o que é, por algo que se calhar nunca virá, pois ambos são um barco à deriva com dois remos mas sem farol que o guie. Fernando Maia quer esperar o tal farol com a luz ao fundo do túnel até ao fim das suas páginas, é essa a sua vontade no fim do parágrafo.

Muito medo tem do futuro, o português passou uma série de linhas sentado sem nada dizer mas com milhares de pensamentos a circular por estas questões, ficando cada vez mais afundado no sofá, cada vez com menos sono. Lá fora começaram a raiar os primeiros grãos do sol, mal repararam nas páginas passadas enquanto remavam num mar revolto, sem um dedo mexer, sem uma palavra tecer. A televisão continua a transmitir um programa qualquer a que ninguém dá importância e lá fora as vozes dos cães começaram a rasgar o silêncio. Foi o ruído canino a permitir a fuga ao marasmo. James Anderson levantou-se e foi à cozinha beber um copo de leite, nesse caminho olhou para todas as janelas vendo se alguém estava a espia-los. Ninguém, sabe que é tão provável estar nesta manhã alguém lá fora como noutra qualquer, para as autoridades nas últimas páginas não aconteceu qualquer desenvolvimento, ao contrário do que se passa com o americano que agora vê tudo de uma outra forma. Pegou num copo de leite, aqueceu-o num micro-ondas e quando olhou para a marca, viu um dos grandes símbolos da economia do seu país. Lembrou-se que afinal de contas é americano, daqueles que festejam o quarto parágrafo de Julho, daqueles que sabem o hino de cor, não tem razões para temer, não há qualquer problema para ele se as autoridades souberem do que se passa. Porque razão haverá de fugir de algo que na realidade ama? Se disse a verdade está a ajudar o seu país, a sua ciência, a sua religião. Fui influenciado pelas ideias do Sul-Americano que trouxe para casa, deve de ser do sono. ele tem é medo de ir comigo ao hospital. Com ou sem sono, naquele momento já não encontra razões para camuflar alguém em sua casa, seja essa pessoa Sul-Americana, da Europa Ocidental ou de outro sítio qualquer. Mesmo que fique fechado num laboratório até aos últimos parágrafos da sua vida sabe que pode morrer realizado por saber que fez alguma coisa pelo seu país. O leite aclarou as ideias de James Anderson, por isso deslocou-se até à sala para contar tudo a Fernando Maia e assim o fez. O Europeu Ocidental indignou-se, não pela ignorância acerca da localização geográfica do seu país, mas pela ideia de uma cooperação com as autoridades. Se a poesia é algo tão nosso, porque razão lhes vais contar? Não vejo porque razão as outras pessoas não podem partilhar a nossa poesia, afinal elas também estão envolvidas, o mundo é de todos. Mas se até agora só nós soubemos, penso que até acontecerem novos desenvolvimentos devemos manter o segredo. E se estes acontecimentos forem um perigo para o nosso planeta? Se os associas a Deus, Ele não quererá mal ao mundo. Eu associo a Deus mas também estou aberto a outras explicações. Se eles ainda não conseguiram chegar a nenhuma conclusão é porque nunca serão capazes de explicar nada, fomos nós que encontramos o néctar do tempo e apenas nós temos o direito de procurar até decifrarmos o destino. A partir das nossas conclusões actuais, os investigadores terão maiores probabilidades de chegar aos resultados correctos. eles apenas não descobriram o meio de encontrar o fio do novelo, agora que o encontramos, o seu trabalho será facilitado. E mesmo que descobrissem algo, porque será que o vento controlado por ti quase desaparece nas análises? de certeza que acontece porque as autoridades não podem saber. Esta última frase deixou James Anderson sem resposta possível, o diminuir de intensidade do vento durante os testes a que era submetido seria uma forma do novelo retirar o fio às autoridades, não é muito difícil de descodificar esta mensagem fundida na velocidade de propagação de partículas de ar. Não foi a única mensagem que o americano descodificou nesta conversa, as páginas que passaram juntos sem que qualquer palavra se formasse nos lábios, as linhas que partilharam estando apenas a pensar cada um por si mas ambos no mesmo objecto, acabaram por uni-los, apesar das divergências filosóficas adquiriram um nível de afinidade que os trata por tu

(sem aqueles floreios no trato próprio das línguas latinas como a lusitana, que distanciam de uma certa maneira as pessoas. Apesar de não constarem na conversa de língua de origens britânicas foram

transcritos como tal para melhor compreensão do encurtamento das distâncias entre ambas as personagens, sendo bem perceptível esta radical mudança que se deu no último diálogo)

Aproxima-se a altura de James Anderson deslocar-se ao hospital para as análises que são o pão seu de cada página, o vento fez-se sentir numa dinâmica considerável durante a noite, talvez apenas comparável à velocidade na manhã seguinte ao Sonho. Agora vai percorrendo um caminho de desaceleração, até atingir um ponto em que se tornou quase que estático, ponto esse que surgiu quando James Anderson entrou no hospital da zona. Prometeu nada dizer às autoridades, não falará da presença do português na sua casa, pois além de criar um clima de desconfiança com os analistas, as autoridades podem ter a concomitante reacção de chamar Fernando Maia a exames fisiológicos fazendo com que este perca a serenidade do meio em que vive aqueles momentos. Apesar de sereno e livre, o português sente-se só neste momento, sem os seus amigos de sempre. Mudou os canais de televisão a uma velocidade que provocaria tonturas a qualquer pessoa que se sentasse ao seu lado. Parou por vezes nos boletins meteorológicos esperando pela chuva, mas muito longe parece estar, talvez no Novo México onde a tempestade que mereceu uma especial referência no início do capítulo desloca-se de Oeste para Este, existindo no próximo capítulo algumas probabilidades de sobrevoar a cidade de Little Rock.

Quatro

No dobrar de capítulos, James Anderson continuou a frequentar o hospital e a igreja, sem a agradável presença de Fernando Maia. O português ficou sempre em casa a ler, sobretudo literatura associada à meteorologia, livros que o anfitrião encontrou na biblioteca municipal, dado o visitante nunca ter saído de casa. Não quis ser vislumbrado por ninguém, mas o ostracismo ao qual se votou, acabou por acentuar o sentimento de solidão, só mesmo a aproximação da tormenta o manteve naquele local, em que mal fala com um ser humano. Fernando Maia não adormecia, mesmo depois do americano se deitar, a solidão mantinha-o acordado e nesta noite, em que poucas páginas faltam para a chegada da ambicionada tempestade, decidiu fazer algo que não faz há quase três capítulos.

*Sentado num muro de solidão
olho o céu esquecido de estrelas.
Um sorriso lúgubre
sustém o meu rosto.*

*Do nada, sobra-me tudo
já nem a alegria vive.
A tristeza pisa um ramo verde
e todos os sobreiros
migraram com os pássaros.*

*Resta uma clareira obscura
em floresta de lâminas,
e uma gota de cor
no Mar Negro.*

*Caminhando pelas ondas
choquei com o horizonte
e todas as nuvens caíram
numa chuva de sentimentos.*

*Uma estrada atravessa-me o peito
Traz-me cruzeiros esbeltas,
leva-me o orvalho com a chama do pôr-do-sol.
Sou um final de tarde.
Vermelho e seco.*

*Vou morrendo num círculo
com vértices de angústia
a capítulos-leitura
do meu tempo
do meu espaço.*

Nestes três capítulos não se lembrou desta sua veia de poesia fluida, o seu pensamento seguiu um só vector e nem tempo teve para o seu próprio espaço. Mas neste dobrar de capítulos, Fernando Maia nada fez e nada viu, oxidou o aço resistente que o revestia, está farto desta situação. Adormeceu depois de guardar o poema e pela primeira vez em Little Rock, dormiu bastante. Os fenómenos atmosféricos já não o atraem como quando ali chegou, as páginas começaram a adquirir a densidade insustentável do chumbo, é melhor dormir muito para o tempo passar mais depressa e nem o ruído da porta do quarto de James Anderson o acorda. O dono do quarto está também habituado ao ruído pendular da porta, ao cair na cama adormece logo, cansado das manhãs que passa no hospital e da introspecção constante na igreja. Almoça sempre no mesmo restaurante, e não mais voltou ao seu emprego desde que tem esta vida subsidiada pelo estado. Os exames que faz impedem-no de manter qualquer tipo de emprego, tem que estar sempre disponível e relaxado quando é chamado às investigações. Por isso, poucas linhas depois de Fernando Maia ter escrito o poema e ter-se refastelado na cama, James Anderson, preparou o pequeno-almoço de uma nova manhã diferente de todas as que foram narradas. Diferente porque a chuva ameaça chegar e o

americano está prestes a ver com os seus próprios olhos o círculo que chegou de Portugal. A vontade com que moeu o café transpareceu uma curiosidade que faz cócegas por todo o seu corpo. As poucas linhas que o separam do ansiado momento, cresceram e afastaram o acontecimento com uma lentidão arcaica. Acordou antes do sol, longe da preguiça habitual e não chegou atrasado ao hospital, possibilitando o aparecimento de alguns comentários irónicos espirrados pelos cientistas e médicos presentes. Estão pessoas de Harvard a estudá-lo, até mesmo catedráticos de Oxford o visitaram, estudiosos dos mais diversos ramos, passando pelo corpo do paciente, como lhe chamam, todas as radiações que existem, de à a zê. Nunca obtiveram resultados, sentem-se agora desesperados e prestes a tomar a decisão de o devolver à sua pacata vida, não é um perigo para a saúde pública, exceptuando os riscos de constipação para quem o acompanha durante muito tempo. E quem o acompanhou nos últimos capítulos foi Fernando Maia, um português chegado a Little Rock há pouco tempo. Pela primeira vez desde a sua chegada foi pronunciado o seu nome naquele hospital, os responsáveis foram os elementos da polícia secreta que investigam o caso desde a altura em que novos ventos se fizeram sentir. Está um senhor latino hospedado em sua casa, a que se deve esta visita? Um amigo de há alguns livros, conhecemo-nos numa férias na Florida. Sabemos que é jornalista, não lhe tínhamos pedido para evitar declarações? Já lhe disse que se trata de um simples amigo. Não se esqueça que sabemos sempre um pouco mais do que aquilo que o senhor pensa que sabemos. Eu sei o que os senhores sabem, ou melhor, sei que os senhores sabem um pouco mais do que aquilo que eu penso que sabem, por isso acho que não tenho mais nada a falar acerca deste caso, os senhores sabem mais do que aquilo que eu penso que sabem. Foi uma resposta subtil que deslizou pelo esófago dos agentes, uma resposta açucarada para eles e que ao mesmo tempo não pode ser considerada uma mentira, deixando James Anderson numa posição segura em termos jurídicos. Não confirmou que Fernando Maia possui poderes como os seus, mas entreabriu a cortina para os agentes encontrarem novos recantos na narrativa que desconhecem. Mesmo assim não podem revelar esse desconhecimento, terminando o inquérito por esta linha. Centraram, no entanto, a partir deste momento todas as suas atenções no viajante português. James Anderson percebeu na perfeição que se tudo continuar assim, o estado acabará por conseguir todas as informações acerca dos poderes de Fernando Maia, iniciando uma nova investigação. É algo que não teme, pois o seu país é a única instituição superior ao seu ego. Mas também não quis contrariar a vontade do português, até porque a veemência com que este coloca de parte uma revelação às autoridades reside na sua memória, uma memória forrada a néon

(Como as vivendas que os emigrantes em França constroem nas aldeias transmontanas)

que

fornece uma luz intermitente ao cérebro.

Depois do repasto, a caminho da igreja, James Anderson ligou o rádio e, entre as músicas, a publicidade e o estado do tráfego em Little Rock, ouviu o boletim meteorológico que confirmou a chegada do mau tempo ao início da noite. Com crepúsculo chega o momento inédito que juntará os únicos homens capazes de controlar o clima, será sem dúvida um momento nunca visto, podendo terminar com muitas interrogações que atormentam ambos nesta altura. A tormenta física pode trazer o fim das tormentas psicológicas, uma situação semelhante à de um aviador que caiu no deserto há três livros e vê agora a primeira gota de água cair mesmo sobre a sua língua, no entanto não sabe se é um prenúncio do dilúvio, um falso alarme ou o início de um estado de total demência provocado pela insolação. James Anderson acabou de riscar esta última hipótese do seu livro lembrando-se que não é o único aviador entre grãos de areia, existe outro piloto que também por lá vagueia e em comum têm uma sede insaciável. No entanto o tal piloto está a percorrer sozinho outro deserto ao mesmo tempo que atravessa este. Sente-se cada vez mais isolado, sem ouvir nenhuma voz, sentado no sofá, sem nada fazer. Só o avançar das linhas e o aproximar da chuva fez com que sentisse no centro do peito algo diferente

(Não é um enfarte de Miocárdio, nem nada parecido)

, o ritmo do seu coração acelerou, não bate com tanta foga desde a linha em que conheceu James Anderson. A partir de um certo ponto começou a esquecer a solidão, tantas foram as vezes que correu para a janela procurando saber quando as nuvens começam a equilibrar-se no horizonte. Uma dessas vezes coincidiu com a chegada de James Anderson, surgiu cerca de uma página mais cedo do que o previsto ao volante do seu longo carro e depressa se juntou a Fernando Maia. Nenhuma palavra trocaram ao longo do capítulo mas agora querem estar juntos para ver, para saber o que trazem os novos ventos. Sentaram-se em frente à janela virada a poente e esperaram pelo alvorecer da tempestade, uma tempestade que nunca poderá passar pelo local onde estão, pois ambos prevêem que nenhuma nuvem sobrevoe as suas cabeças graças ao misterioso círculo de Fernando Maia. E porque razão tem a forma de um círculo? Porque não um quadrado, um triângulo ou um trapézio? Até esta página Fernando Maia não encontrou a resposta para esta nova pergunta. Eu penso que se deve ao facto de eu estar no centro da circunferência e ter um raio de acção da ordem dos xis metros. E esse raio de acção varia como a minha intensidade do vento? Não te posso responder, apenas o vi durante meio capítulo e não tinha fita métrica para ir lá acima medir.

Também não precisas de responder assim, só fiz uma pergunta. E eu respondi, foi uma frase normal. Não gostei desses termos. Desculpa, não sabia que uma resposta destas ofende. Não me ofendeste, mas não me agrada essa forma de falar, afinal de contas sou eu que estou em casa e tu és o convidado. Não vou falar mais enquanto não chegarem as nuvens. Se chegarem, e se acontecer alguma coisa, porque ainda não vi nada com os meus olhos, apenas umas notícias de televisão como há muitas por aí. Podes ter razão, espera e verás. Fernando Maia evitou assim a continuação de um conflito latente nas palavras, elevou o tom de voz naquela resposta, um aumento de decibéis que não é fruto da pergunta de James Anderson, mas de um capítulo silencioso em que o anfitrião não se preocupou com o visitante. Não assimilou ainda tal erosão, em parte por culpa da timidez do europeu que jamais se queixou da monotonia. A sua resposta extemporânea fez com que James Anderson deixasse de o ver rodeado das mais belas paisagens, agora está entre fumos e névoas que lhe tapam a cara, não lhe agradou aquele tom de voz recheado de palavras ácidas, afinal está em seu território e ali tudo deve ser submetido à sua vontade, afinal se os cães urinam nos limites de um espaço imaginário que o defendem só para si, porque não humanizar essa animalidade como James Anderson faz? Não existe nada contra essa dita animalidade, por isso utilizou esse argumento no diálogo, o respeito ainda é importante, para não falar na idade, que nunca deixará de ser um posto. Pensou em plena convicção, tornando cada vez mais densa a névoa que envolve Fernando Maia, mal o consegue vislumbrar apesar da distância que os separa ser curta. O ódio enevoando os olhos de cada um só pode terminar com um acontecimento que os una de novo ou os afaste para sempre. Estalado o verniz, podem repavimentar o chão com madeira envernizada ou então cobri-lo de cimento para o esconder de vez. O acontecimento que pode reunir as facções, é sem dúvida a chegada das nuvens e neste preciso momento começaram a serem vistas lá longe onde o horizonte se resigna à largura micrométrica de uma linha. Um ínfimo ponto cinzento quebrou o azul dominante, seguiram-se outros mais, num crescimento apenas visível pelo pequeno espaço entre duas casas. Junto ao solo, a vida corre com a calma habitual de um fim de tarde de Verão, as crianças rebolam na relva e atravessam as ruas sem se preocuparem com a hipotética passagem de um veículo por um fatídico alcatrão. Os casais idosos passeiam desfrutando do astro que os acompanha desde que nasceram e nesta recta final da vida sabem como lhe dar o devido valor, aproveitam a cada vez mais rara beleza do momento perfeito em que o sol mergulha na noite com uma luz laranja que chama a escuridão. A chegar às respectivas casas vêem-se aqueles homens que não usufruem o Agosto como tempo de ócio e divertimento, mas sim como um conjunto de capítulos de rotina e pouco prazer no trabalho. As caras transpiram o descontentamento, algo que também está presente nas expressões faciais de muitas outras pessoas, desde a tal criança que atravessa a rua entre um automóvel negro e uma furgoneta branca, até ao par de idosos que se apoiam nas experientes bengalas, passando pelo bancário que fecha a porta verde da garagem. Numa rotina sedentária, pouca será a preocupação quanto ao estado do tempo, poucos sabem que a chuva se aproxima, ninguém dá muita importância ao sol numa cidade, aliás pouca importância davam Fernando Maia e James Anderson numa qualquer outra circunstância que não esta. Mas neste parágrafo estão ali, numa paciente espera que prolonga a demora, apaziguando os ânimos sem que a mínima palavra seja proferida. Não focam o seu olhar apenas nos pontos cinzentos, as ideias fervilham ao longo das linhas, aliás foi um deles que pensou no alheamento total às nuvens por parte das pessoas que na rua circulam

(Quem foi a pessoa que viu desta forma diferente pouco interesse tem, cabe ao leitor decidir, já que a ideia de criação transmitida no início da narrativa não foi nem será esquecida)

Um parágrafo terminou, o sol faz as últimas despedidas de Little Rock, e as nuvens aproximam-se a uma velocidade inconstante. Estiveram tanto tempo ali sentados que até vêem nuvens a alterar as características de deslocamento. Entre acelerações e travagens nota-se que estão cada vez mais perto, Fernando Maia desceu as escadas sem um murmúrio libertar e James Anderson seguiu-o respondendo ao silêncio com a ausência de sons. Saíram de casa, e como a rua tem uma disposição paralela à linha cinzenta que se aproxima as casas e os respectivos jardins do campeonato local eram obstáculos para a visão da linha de nuvens. Os dois homens deslocaram-se até ao cruzamento mais próximo passando só pelo carro preto

(A furgoneta branca partiu para local incerto)

, e lá observaram com muito maior visibilidade as nuvens e o hipotético aparecimento do círculo. A noite aproxima-se, e com ela a penumbra. O azul do céu tingi-se de negro, ocultando o cinzento que avança na direcção oposta à noite mas a um ritmo mais pausado. Nas ruas poucas pessoas se vêem, é a página de jantar, e quase todas as famílias estão remetidas ao conforto das cadeiras de madeira e ao tilintar dos talheres na cerâmica, paira uma serenidade aparente, apenas duas pessoas têm a tensão estampada nos rostos, mirando o céu à espera da chegada das nuvens. Avançaram na rua perpendicular à de James Anderson, o vento do americano soprou forte e com ele surgiu o ruído nas orelhas que faz lembrar um grande capítulo de nortada na terra de Fernando Maia. Continuando embebedos pelo silêncio, sentaram-se no chão e olharam o céu, as nuvens estão mais próximas, o suor que corre pelos seus corpos é

a libertação da adrenalina dissolvida em água salgada. Nas ruas que se cruzam, só os gatos circulam e todos em direcção a um ponto de abrigo

(Chegaram à conclusão que a lua não vem para poderem venerá-la, restando o aconchego dos lares e ver uma típica família no seu típico serão, enquanto cá fora dois homens esperam pela noite mais invulgar de todas as suas vidas)

. Ao fundo da tal rua perpendicular à que aparece nos envelopes das contas da electricidade que James Anderson recebe, viram um vulto caminhando numa passada desconcertante, ziguezagueia pelo passeio, de tal maneira curvado que as suas mãos quase tocam no cimento, nessa mesma zona começou a chover, as nuvens estão a chegar, para essa zona correram, sem pensar em cansaços, dores ou humidade, apenas quiseram contemplar um novo fenómeno que é a reunião dos poderes de ambos num só momento, num só local, e eis o local ali a poucos metros, podia ser aquele onde estiveram sentados, ou mesmo a casa de James Anderson, se esperassem mais algumas linhas, mas não, a ansiedade que de uma cadeira de avião desapareceu, impediu-os de ficarem parados. Durante a corrida cruzaram-se com o homem, de roupa esfarrapada, barba por fazer e de olhos sonolentos, contrastava com a classe média residente na zona, parece pouco digno para ali estar, segundo o pensamento de James Anderson

(Apesar do pensamento estar no vapor de água, o americano não deixou de fazer as apreciações habituais às pessoas por quem se cruza. Ainda por cima é um homem de pele bem morena que os olha sem nada dizer.)

. Pouco tempo durou a apreciação, isto porque a linha de nuvens já passou e o círculo reapareceu, embora reduzido a pouco mais que metade pois nas costas de Fernando Maia a linha não avançou muito. James Anderson deixou a magia circular por si, mantendo-se absorto perante a magnitude do céu. Fernando Maia começou a sorrir, mas depressa soltou o primeiro espirro por causa da corrente de ar. Mas uma surpresa estava reservada, entre o primeiro e o segundo espirro o inesperado aconteceu, uma nuvem atreveu-se a passar pelo interior do círculo numa direcção paralela à linha que delimita o azul do cinzento, enquanto todas outras mantiveram-se afastadas. Não me falaste destas nuvens indisciplinadas. Não apareceram por lá. Olha outra a passar. De quando em quando as nuvens invadiram o círculo, a uma lenta velocidade fazendo com que caíssem as primeiras gotas de chuva sobre a cabeça de Fernando Maia desde que escreveu o seu poema, apesar do círculo

(Semi-círculo, porque a linha de nuvens parou)

semicírculo continuar definido no céu. Cruzaram os olhares e pensaram ser fruto do encontro que tiveram, pode ser o vento nas costas de James Anderson que permite o avançar das nuvens. Mas o meu vento só se dá à altitude a que me encontro. Quem sabe se a partir de agora é mais abrangente. Demasiado abrangente, já que está a parar a tempestade inteira, ou seja, para além de ter aumentado o meu raio de acção quanto à altitude também tenho o poder de influenciar uma chuvada em todo o seu comprimento. Sim, a tempestade está parada, vira-te ao contrário para vermos se avança. James Anderson cumpriu aquela ordem como se ela fosse proveniente de um superior

(Um superior no domínio da teoria, no campo laboral por exemplo, já que na vida a classificação de pessoas como superiores e inferiores é mera demagogia)

e após essa rotação de cento e oitenta graus continuou a sentir o vento nas costas, mas a linha, essa continuava tão parada como o carro preto estacionado, como o homem com um aspecto marginal por quem se cruzaram há pouco tempo, ou como as árvores que ladeiam a estrada.

Uma nova ordem das coisas apareceu no novo parágrafo, as árvores continuaram de pé no mesmo local como se estivessem mortas, o carro preto estacionado, estacionado ficou, mas o homem, num andar inseguro caminhou na direcção do seu olhar e quando se abeirou soltou num inglês muito pouco perceptível: O senhor chama-se James Anderson, não se chama? Sim, chamo-me, E mal ouviu esta resposta o homem caiu desmaiado, sem oferecer tempo para que o ajudassem. Abriu-se uma ferida na face barbuda, jorrando o líquido da cor dos cartões vermelhos. James Anderson e Fernando Maia ficaram estupefactos, não sabiam de onde vinha, pelo sotaque não era americano, mas tinha algo a contar. Pode ser outro jornalista, mas para se encontrar naquele estado veio de um cenário de guerra. Ambos desejaram que fosse mais um poeta, um companheiro que ali está para mudar o mundo e o tempo. Fernando Maia acreditou na hipótese sem rodeios, desta vez não quis esperar para ver, está ali alguém que traz algo de novo e quando levantaram o homem para o levar para casa, o português iniciou o primeiro diálogo desde o início da tempestade que trouxe um augúrio de bonança. É ele que controla a linha de nuvens, ele parou e a linha parou. É pena não se aguentar em pé, podia ter resistido mais umas linhas para confirmar. Sabes lá o que aconteceu ao homem até chegar aqui. está exausto. Se confirmarmos que se trata de alguém que controla o tempo, quantos mais virão? Não sei, neste momento a linha move-se connosco e mais conclusões não podem ser tiradas. Olha o teu semicírculo, continuam as passar algumas nuvens por lá. Talvez aconteça porque estou aqui mesmo junto a ele, nenhum dos poderes é superior ao outro e ambos

partilham aquele espaço. Mesmo assim parecem passar poucas nuvens para ser uma partilha tão altruísta. As partilhas não se coadunam com a matemática, quem gosta de dar não se importa de receber mais ou receber menos do aquilo que deu, gosta do que recebe e pronto. Se calhar ele é um poeta com menos categoria do que nós. Para mim os poetas não têm mais ou menos categoria, apenas há os pseudo-poetas, os que o tentam ser e os génios. Não concordo contigo. Já sabia que ias dizer isso. Por fim voltaram a ter uma conversa sem que qualquer críspação os afectasse, apesar das ideias serem diferentes e por vezes opostas, as discussões regressaram a um tom calmo e ponderado.

Pela mão de Fernando Maia escorre uma gota de sangue, com toda a conversa esqueceram-se por completo do mísero estado do desmaiado e ao passarem de novo pelo carro preto, até os dois homens que lá estavam dentro perguntaram se era necessária alguma ajuda, algo que foi negado por James Anderson com uma amabilidade pouco sua. Eu moro ali, não há problema. A oferta de ajuda era uma situação tão normal quanto solidária, dado o lastimável estado em que se encontrava o desconhecido das barbas, no entanto, esta normalidade aparente camuflou uma anormalidade latente que James Anderson veio a aperceber-se algumas linhas e metros adiante. Aqueles dois homens são os investigadores da polícia secreta que o costumam a acompanhar nos exames que faz no hospital, as únicas diferenças são os óculos escuros e a ausência dos panos a tapar os botões da camisa branca. Foram substituídas por uma camisola de manga curta e umas calças de ganga, simbolizando o alegre tempo que se fez sentir até à chegada deste ilustre visitante. O americano segredou a Fernando Maia a ocupação profissional dos dois senhores do carro preto enquanto abria a porta de casa. Regressados ao ninho de James Anderson, deitaram o homem na cama, limparam a ferida como enfermeiros de ocasião apesar das altas pressões a que estavam sujeitos pela vigilância dos inspectores. Neste caso nem sequer foi uma alta pressão, nem mesmo uma baixa pressão, antes outro fenómeno atmosférico que ainda não foi descoberto. Conseguiram estancar o sangue pressionando a ferida com um algodão. Pelo menos já não há o perigo de acontecer algo que ponha em risco a saúde do visitante, é apenas uma pequena ferida a ser desinfectada. O maior perigo que existe é o de uma constipação e tudo o que de mais grave pode advir até ao patamar máximo da pneumonia

(De qualquer tipo)

. E com o objectivo de evitar este nível quiseram colocar os riscos num patamar médio, correspondente à gripe, retiraram as roupas e vestiram-no com algumas peças de Fernando Maia, pois James Anderson insistiu que a altura do visitante está bastante próxima da média portuguesa. Cobriram-no, desligaram a luz, fecharam a porta e voltaram à sala esperando que o feio adormecido desse sinal de vida acordada. As suas roupas foram postas por James Anderson em frente a um aquecedor para secarem, e enquanto as dispunha de maneira a terem a maior área possível bafejada pelo calor lembrou-se de percorrer os bolsos à procura de uma identificação. O primeiro objecto que lhe chegou às mãos foi uma folha de papel, pensou logo ser um poema, mas afinal não é. Apenas um pequeno croqui que indica a sua própria casa, sinal que o homem está mesmo aqui à procura de James Anderson. Continuou a vasculhar os bolsos contra qualquer regra de ética mas com uma emoção que ultrapassa as mais comuns leis de bom senso das sociedades ocidentais. Mas se quem controla essas sociedades quebra leis com uma enorme facilidade, porque não poderá um simples homem, com uma vontade enorme de descobrir o que está a acontecer, perpetrar um pequeno atentado? Fernando Maia assistiu aquele crime com cumplicidade, caso se lembrasse antes também cometia o mesmo crime, é dos interesses superiores de ambos que aquilo seja feito e por isso sentem-se legitimados. James Anderson acabou por encontrar um novo papel onde estava escrito o poema num bolso das calças. Não está em inglês. Deixa ver se conheço a língua. Fernando Maia olhou e todo o sangue que irriga as veias contidas na sua face pareceu desaparecer, a sua cara é comparável às paredes caiadas das igrejas católicas portuguesas. Está em Português! Sentou-se de novo, pelos vistos tem ali um compatriota e começou a ler numa voz elevada, saboreando o sal da sua língua.

Viver

É correr para um semáforo verde

Vê-lo passar a vermelho.

Esperar pelo que não aparece

Olhar relógio, o tempo a passar

Discutir com o vizinho do lado

Por uma planta que esmorece

Subir rua íngreme

Com pernas cansadas

Cair das escadas

Sob o olhar de multidão

*Nada fazer fazendo tudo
Reclamar uma compra
Discutir um desconto*

*Criticar livros sem os ler
Ir a um jogo para ganhar
Chegar, ver e perder
Mil sorrisos amarelos
Mil beijos incolores
Mil cumprimentos fulminantes*

*Solidão a apertar a alma
Esquecimento alheio
Trabalhos forçados
Distracções pelo meio,
Sentimentos amargos
Esquecimentos, receio.*

*Tudo parece inevitável
Tudo é viver
Tudo é sentir*

*O nascer do sol à beira mar
A lua dormindo nas montanhas
Neve cobrindo paisagem verde
Estrelas olhando todos os passos
Um egoísmo altruísta
Areia escorrendo pela mão
Um abraço apertado
Por mil razões mil motivos
Que construíram uma amizade
Um lento acariciar,
Momentos.
Histórias.*

*Conversas soldadas por soldados
Sorrisos indiscretos, passagens secretas
Páginas, linhas, sempre diferentes
Rio bem iluminado, pontes antigas
Palavras verdadeiras
Olhares inconfundíveis*

*Um cão, um sapo, um tigre
Uma árvore, o mar, o sol
Uma ponte, uma fronteira
Uma nuvem, o céu
Uma cruz, um pente, um copo
Carne, peixe, uma bola
Um barco, uma malha, um anzol,
Uma música, um acorde, um som
Uma luz, uma noite,
A lua, uma pedra
Uma casa, uma família
Uma Pessoa*

Uma vida!

Uma lágrima percorreu o rosto de Fernando Maia, depressa a limpou para ninguém notar
(Nem mesmo um leitor)

, depois traduziu-o para James Anderson perceber. O americano não apreciou muito, mas mesmo assim, gostou mais deste poema. O português que está há mais tempo em casa de James Anderson permanece sob uma neblina de comoção, para além de voltar a sentir o som da sua terra, ficou maravilhado com a simplicidade das palavras que sozinhas dizem tudo. Relatam factos sem qualquer outro sentido mas com toda a alegria e emoção em cada palavra. O seu moral modificou-se, não sente aquela solidão, o muro que o separa de tudo o que rodeia foi derrubado, mais uma vez com a força das palavras

(Elas que demoliram todos os muros condenados a definir fronteiras perpétuas)

. Não é apenas pela língua comum, mas pelas ideias que ali encontra, genuínas, elevando o bem mais precioso da vida: ela própria. A vida é o tema principal do seu poema, sim, lembrou-se disso neste momento. A cumplicidade explica o harmonioso conviver entre as nuvens e o círculo, elas que navegam por mares desconhecidos, ele que as abraça e recebe com carinho, na perspectiva poética que inspira Fernando Maia. Após tantos acontecimentos de normalidade escassa, encostou a um canto da sala curvilínea dos seus pensamentos todo o racionalismo que trouxe de Portugal, o mesmo país da pessoa que está ali no quarto deitada e cujo sono nunca mais termina, contagiando até os dois homens que a trouxeram para dentro. Estão ambos com uma confortável posição no eterno sofá e com a temperatura ideal para voltarem ao mundo dos sonhos, até que durante o negro prenúncio da claridade, as pálpebras não resistiram, quer pela intensidade dos momentos em conjunto, quer pelo avançar das páginas que trouxeram o cansaço e a necessidade humana de repouso.

Cinco

O sol nasceu mais uma vez, dando luz a uma nova página nas vidas de James Anderson e Fernando Maia. Depois de dois capítulos sem rumo definido, com a chegada do terceiro elemento, têm uma base de sustentação, um ponto de partida e acreditam que novos elementos surgirão à superfície do oceano de dúvidas que atravessam. Mesmo enquanto dormem, mergulham nesse oceano, numa apneia tão duradoura que poderá causar danos cerebrais a longo prazo. Passado algumas linhas, a emersão aconteceu porque ninguém se lembrou de fechar a persiana e os raios de um sol semi-camuflado pelas nuvens puderam aliciar as pálpebras. Fernando Maia foi o primeiro a levantar-se e deslocou-se ao quarto de banho, porque não há ser humano que aguente muito tempo sem satisfazer as suas necessidades mais elementares. Logo após o momento em que sentiu as suas tubagens aliviadas, abriu a porta do quarto de James Anderson onde o outro poeta português saboreia um descanso que parece eterno, continuando com o curativo na testa e a cara um pouco inchada

(mal acorde será aconselhável a utilização do gelo para o hematoma desvanecer)

. Fernando Maia abriu um pouco a persiana para que as pálpebras do recém chegado possam ser também aliciadas pelo feixe de fótons que chega do sol, depois deixou o quarto e foi à cozinha para que o seu estômago não se sinta tão vazio como o inquérito policial feito em volta dos poderes de James Anderson. Mas da mesma maneira que com a ida à cozinha o estômago de Fernando Maia foi preenchido com uma massa de alimentos consistente, também de um momento para o outro o inquérito pode ser recheado de teorias alicerçadas em fortes bases científicas, e nesse sentido aqueles dois inspectores continuam no interior do carro negro, depois de terem dividido poucas linhas de sono. Ambicionam ser reconhecidos pela sua entidade patronal e talvez, numa perspectiva mais ampla, pela própria História como os homens que conseguiram chegar a um desenlace para o mistério. Cada passo de James Anderson tem direito a novo apontamento num dos blocos de notas que trazem, exceptuando os movimentos no interior do seu lar, pois o mandato judicial que os atirou para aquele lugar vago de estacionamento não prevê tamanha invasão de privacidade sem autorização prévia. Contudo, as suas mentes estão sempre a imaginar o que se passa, por detrás daquelas paredes, ficando com enormes dúvidas por não distinguirem a linha entre a realidade e a imaginação. Uma linha que se encontra sempre muito dissolvida entre dois mundos que afinal de contas se reduzem a um que tem o tamanho do universo. Fernando Maia continua a divagar em certos hiatos da corrente de dúvidas que também passa por si, pensamentos que até podem ajudá-lo a apurar as razões de todos estes acontecimentos que acabam por tingir essa tal linha entre realidade e imaginação. Quer por tudo saber a razão: Não sabe porque procura uma explicação, talvez até fosse melhor deixar-se levar pelo destino, mas por outro lado a corrida ditada pelo fado pode partir da tentativa de descobrir a razão. Não encontrou uma verdade nem um rumo certo, por vezes quanto mais elaborado é o pensamento menos conclusões podem ser tiradas, mas quer continuar a pensar e a sentir, desta maneira tão inconclusiva como a sua própria existência. Olhou para o copo de leite que bebe, o leite sim, é concreto para ele, depois de o encostar aos lábios sentiu-o a deslizar pelo esófago. Voltou a pousar o copo, o leite já lá não está, não é concreto, mas a imagem que Fernando Maia possui do mais maternal liquido no interior do copo é tão nítida que pouco tem de abstracto, parece até mais concreta que a porta do quarto a abrir-se ou o homem com curativo na cabeça a sair. Algo que apesar da simplicidade não parece real, por isso Fernando Maia esfregou os olhos tentando delimitar a tal linha fronteira entre realidade e imaginação, mas nada se alterou, o homem está à sua frente e perguntou-lhe no mesmo inglês arranhado do capítulo anterior: Onde é o quarto de Banho? No fundo do corredor à direita

(As necessidades não são exclusivas de Fernando Maia, mas sim comuns a todos os súbditos do Reino Animal, desde o mosquito que picou James Anderson durante a noite até ao homem que crava as suas unhas numa língua madrastra)

. O português mais antigo regressou à sala anunciando que a nova visita acordou e está prestes a apresentar-se a um anfitrião que parece mais interessado em desinfetar com álcool uma enorme borbulha que nasceu no seu dedo mindinho. Não foi com uma pose profética que Fernando Maia fez o anúncio, apenas se serviu da experiência para prever o futuro, para ele esta é a única forma de profetizar acontecimentos. A previsão foi a mais correcta possível, invejaria qualquer cartomante ou astrólogo africano, saindo o visitante da mais pequena divisão da casa soltando naquele sotaque que adocicava as mais comuns palavras

(Isto se for visto por uma perspectiva positiva, ou seja, sem olhar para qualquer tipo de arranhão)

. Bom capítulo, chamo-me Leandro Veloso, sou brasileiro e estou aqui para falar com o senhor James Anderson. Está a falar com ele, sou eu próprio, já sabemos que escreve poesia e que controla esta tempestade, assim como eu sou perseguido pelo vento. Não tinha a

certeza que a tempestade era influenciada pela poesia, mas já desconfiava, pois tudo começou quando escrevia um poema que trouxe no bolso. Já o lemos, desculpe a intromissão mas estávamos ansiosos. Não faça caso, não tenho nada a esconder, e para percebermos melhor o que se passa vou contar a minha História. O senhor chega aqui e lê logo os nossos pensamentos. Já que os senhores não conseguem ler os meus digo-lhes que depois quero saber o que aconteceu convosco. Leandro Veloso desenhou um sorriso por detrás daquela barba maltratada e começou a falar, a descrever a sua versão dos acontecimentos.

Nasci em Fortaleza, uma cidade do Nordeste Brasileiro, não sei se conhecem. vivi sempre lá, casei, tenho um filho e levei uma vida simples mas não vulgar. trabalho como guia numa empresa ligada ao turismo, levo os turistas pelas dunas em veículos todo o terreno, quase que conheço cada grão de areia daquelas praias. nunca recebi de ordenado muitas caipirinhas ou picanhas, tenho uma casa modesta, não tenho carro, daí ter demorado tanto tempo a chegar, apenas conduzo os jipes da companhia e era complicado trazer um para aqui. escrevo poesia como pelos vistos já sabem, desde a juventude que o faço, divulgo esse gosto pelos meus amigos mas fico-me por aí, não quero tirar rendimentos, nem materiais nem sociais. o poema que trago no bolso foi um dos vários que fiz, pensei que era apenas mais um, até que chegou a chuva enquanto o escrevia. associei logo a tempestade ao poema, embora não estivesse muito seguro. a chuva não parou e após duas ou três páginas li a sua história algures numa revista. decidi vir para cá, com poucas economias porque deixei quase tudo o que poupei à minha família. agora aqui estou, disposto a ouvir-vos e a seguir este caminho convosco. Os outros dois ficaram com um tom gélido na cara, mesmo com um sotaque por vezes tormentoso e com palavras pouco claras a sua ideia passou com uma facilidade incrível, não foi preciso arrancar qualquer parte da história com perguntas, está tudo ali, com a clareza da mais pura água de um ribeiro serrano. De seguida James Anderson apresentou-se da mesma forma que o fez a Fernando Maia na igreja, explicou o seu vento e a noite em que escreveu um soneto. Em português ouviu-se a terceira pessoa a apresentar-se. Chamo-me Fernando Maia, deve saber de onde venho. Há muitos países a falar a nossa língua. Mas foi no meu que ela nasceu. Com esta palavra nasceram novas preocupações, não pelo seu significado, mas porque alguém bateu com impetuosidade na porta. Através da janela foi fácil de descortinar o carro da noite anterior estacionado num novo local. Os dois forasteiros deslocaram-se para a cozinha para ficarem bem escondidos, James Anderson abriu a porta com um ar sorridente não demonstrando nenhum tipo de nervosismo. Ora muito boa linha! Boa linha, viemos aqui perguntar se o senhor está bem. Sim, porque razão não haveria de estar? Nenhuma em especial, o senhor costuma deixar a sua casa poucas linhas depois de acordar, já passaram algumas páginas e ainda não deu sinal de vida. Peço imensa desculpa, atrasei-me aqui a limpar a casa. Não há problema, mas não se esqueça, nós sabemos sempre um pouco mais do que o senhor pensa que sabemos e se hoje não entramos em sua casa, é porque a lei não permite. de qualquer modo aconselhamos o senhor a relatar tudo o que ocorrer no âmbito da nossa investigação. Não tenha dúvidas que o farei, até já. James Anderson fechou a porta sem se preocupar em ouvir as suas palavras espelhadas pelos dois inspectores

(Algo que seria das regras mais importantes vigentes num livro que estabelecesse todas as leis da ética humana, mas como depois de quebrada uma regra se podem quebrar as outras todas, a narrativa tem que continuar)

. Sentiu-se apertado entre uma espada de guerreiro japonês e uma parede do mais duro betão enfeitada por arame farpado e com pinturas nocturnas que libertam um odor apagado a tinta. Não foi capaz de fugir nem de enfrentar o perigo, os seus dedos tremeram numa impetuosidade parkinsoniana e o seu cabelo serviria para Darwin exemplificar a sua teoria evolutiva, afirmando que este homem e o ouriço-cacheiro tinham o mesmo ancestral comum e órgãos homólogos. Ao sentirem o perigo a bafejar o pescoço, James Anderson e o ouriço eriçaram o cabelo e os espinhos. Quanto às pupilas dos seus olhos, essas estão condensadas em dois pequenos pontos fixos a uma estaca de terror. A porta da cozinha tornou-se a abrir, o ruído das dobradiças, com uma subtilidade irónica, criou um ambiente ainda mais nervoso, mas as palavras desta vez não esperaram abrindo uma janela como só elas sabem, com a doçura do açúcar brasileiro que no entanto não esconde uma amargura evidente. Temos que fugir. Como é que o senhor, que só chegou a minha casa há um capítulo, pode dizer uma coisa dessas? Tem calma, ele apenas fez uma sugestão. Fiz uma sugestão que corresponde à melhor solução. Eles sabem tudo sobre mim, sabem que tenho duas pessoas aqui hospedadas, sabem que esta chuva não cai por acaso, é melhor irmos todos ao hospital, vamos dizer tudo. Lembra-te que o teu vento esmorece quando chegas lá. não acontece por acaso, tenho a certeza que tudo se vai perder se eles souberem. Preferes fugir, numa atitude covarde, sem enfrentar as consequências de frente? Nem sempre fugir é covardia. queremos fugir para seguir em frente, para alcançarmos o que não sabemos, o senhor é que está com medo das autoridades do país que tanto admira. Pronto, então eu vou cavalgando na minha covardia em direcção ao hospital. fujam, que eu vou embora, bom capítulo. A irritação fumegou pelos olhos de James Anderson, seguiu-se uma caminhada em ritmo fervilhante na direcção da porta e esta respondeu com um som grave que ecoou nos ouvidos dos dois oradores da língua portuguesa até ao fim do parágrafo.

James Anderson não aceita que lhe imponham decisões, afinal ele é o anfitrião e cabe a si, em última instância, decidir o futuro. Saiu de casa sobretudo por teimosia, não assimilou as ideias dos outros porque sente que o poder lhe pertence. Pegou no seu carro, pois esse sim, sempre foi fiel e cumpridor, aceitando as ideias do seu superior sem nada exigir, sem se queixar por percorrer todos os capítulos o mesmo circuito, as mesmas ruas, o mesmo asfalto. Só o céu muda, de momento está encoberto, após os capítulos soalheiros que antecederam a chegada de Leandro Veloso. Nesta página, o brasileiro, desloca-se de novo para o quarto de banho, ainda não recuperou a imagem agradável que sempre possuiu e que após capítulos de sofrimento foi alterada com significado. Quando olhou para um espelho, sem caixilho mas com três pequenas lâmpadas a si ligadas, viu que segundo os padrões

(discutíveis mas implantados)

de estética não pode ser considerado atraente. Está irreconhecível, até levantou o braço esquerdo para acreditar que não se trata de uma monstruosa imagem de conto infantil. É o próprio Leandro Veloso que ali está e após esse gesto fútil do membro superior, olhou os seus próprios olhos e esses sim, continuam imperturbáveis, de um mel que adoça as palavras. Voltou a aceitar o seu corpo, mesmo com a barba num estado intragável, o brasileiro não toca nos pêlos faciais há páginas consecutivas pelo que preenchem o rosto de uma forma desconcertante. A pele que ocupa os restantes espaços tem uma imensa rigidez, na escala de Mohs riscava o vidro, quanto ao cabelo, os comentários serão desnecessários quando se diz que por ali a única água que passou desde o início do livro foi a que veio do céu. Para amenizar a rugosidade dos seus poros tomou o banho retemperador que faltava após ter acordado. Não se sentiu na altura com autoridade para o fazer, afinal de contas ainda nem sequer tinha vislumbrado o anfitrião, mas com o passar das páginas a situação alterou-se. Não é que tivesse uma relação amizade com o dono da casa mas Fernando Maia aconselhou-o a tratar da higiene corporal dispondo-se a pôr as mãos no fogo caso James Anderson tivesse um ataque de egoísmo. Com esta liberdade de acção, Leandro Veloso utilizou tudo o que estava disponível, da primeira gota de água a sair do chuveiro ao último electrão a percorrer os circuitos eléctricos da máquina de barbear, reabilitando sem bisturi um rosto desfigurado. Quando abriu a porta estava de cara lavada e corpo também, os seus poros conseguiram ver a luz do dia, afastados de suores antigos e poeiras entranhadas. Na sala, Fernando Maia aguardou com paciência a chegada de Leandro Veloso. Já parece outra pessoa. Nunca deixei de ser este, mas concordo consigo, quando olhei para o espelho nem me reconhecia. Depois da Lavagem de Ouro

(Inclui secagem, aspiração e polimento)

o português construiu uma imagem mental diferente de Leandro Veloso, não é aquele quase vagabundo mas sim um homem bastante moreno, com uma boa constituição física, que aparenta ser um pouco mais velho que ele. Como o brasileiro fez uma Lavagem de Ouro e não uma Lavagem de Platina, a cara continua inchada e o curativo já mal se segura. Ainda tem aí um grande hematoma, espere que vou buscar um saco de gelo. Dito isto Fernando Maia voltou à cozinha deixando Leandro Veloso a absorver o local que o rodeia, desde o armário com múltiplas funções que aloja desde livros a pequenas recordações de viagens antigas, até ao televisor que simulou companhia durante parágrafos de péssimas recordações para o português. Numa passada lenta de fadiga olhou pela janela, viu a rua e o campeonato municipal de jardinagem, até que olhou para o céu onde estaria a sua linha de nuvens. Algo está diferente, Leandro Veloso apercebeu-se que na mancha de nuvens que o acompanhou nos últimos capítulos abriram pequenas frinchas por onde passam os primeiros raios da mais majestosa estrela, a densidade nublosa está a diminuir e pela primeira vez na vida sentiu frustração por melhorarem as condições atmosféricas, a chuva é cada vez menos intensa. Fernando Maia chegou com a saca de gelo mas nem sequer falou nela. Ao ver o paciente de circunstância de tal maneira concentrado a olhar para o céu, os seus olhos também focaram o objecto imenso. O que é que está a acontecer? Olhe para as nuvens, estão a abrir espaços, a dissolver-se num suicídio colectivo. Estou a ver, está a tornar-se preocupante, estão a extinguir-se. e o meu círculo se calhar está a ir pelo mesmo caminho. Círculo? Não sei de que assunto o senhor está a falar, a poesia não tem a linearidade da geometria. Isso é o que o senhor pensa, esqueci-me que a nossa conversa de há pouco foi interrompida pelos dois agentes, ainda não lhe disse porque razão também estou aqui. Já percebi que também escreve. Sim, não é muito difícil chegar a essa conclusão, vamos lá fora antes que desapareça. Um misto de curiosidade e medo assolou Leandro Veloso enquanto segue Fernando Maia, o seu cérebro ficou mais congelado que o gelo esquecido pelo português no parapeito da janela. Quando ambos chegaram ao exterior da moradia a luz solar rompia cada vez mais por entre as nuvens, estas afastavam-se umas das outras num sentimento de desunião. Quanto ao círculo

(Semi-círculo dada a sua localização fronteiriça com o mar de nuvens)

ao semi-círculo, também está mais pequeno e deformado, não tem a linearidade que Leandro Veloso discute. As nuvens não partilham aquele espaço como no capítulo anterior, umas ao chocar com a linha imaginária desaparecem por completo transformando-se em água, outras ignoram a linha e invadem o círculo como

se nada estivesse, só uma dúzia delas se mantêm fiéis. É verdade que está ali algo, mas pouca influência tem sobre o descontrolo das nuvens. Ainda ontem elas entravam no círculo sem desrespeitar a sua forma, apenas partilhando o espaço como velhos amigos. Estou a ver, mas hoje estão indisciplinadas, nunca estiveram assim. O círculo deve possuir metade do raio de ontem e deixou de ser círculo, agora é uma linha curva sem qualquer nexo. E o vento do James Anderson, como estará? Quanto ao desaparecimento repentino, só ele sabe. quanto à diminuição de intensidade, isso acontece sempre que ele vai ao hospital.. O vento diminui quando ele vai fazer os exames? Sim, é o que ele me diz. Então o que nos está a acontecer pode ser uma consequência de ele estar a revelar tudo. É muito provável, se calhar estamos a chegar ao fim. É frustrante depois de tudo o que passei. Vamos para dentro que eu não consigo olhar para o céu, preciso de um tecto que me faça esquecer que tudo está a terminar

(A necessidade que o ser humano tem de camuflar os problemas para podê-los esquecer está bem patente nesta última frase de Fernando Maia. Após uma enorme contrariedade o primeiro reflexo é sempre engavetar o assunto, o que não quer dizer que este assim permaneça para sempre. Esta tentativa de camuflar o passado recente tanto pode ter uma duração de segundos, como arrastar-se numa vida atormentada pelo assunto que se tentou esquecer)

Numa tentativa de desanuviar o ambiente, Leandro Veloso pediu para ler o poema de Fernando Maia e deslocaram-se ao escritório de James Anderson onde o manuscrito repousava numa gaveta em conjunto com o de James Anderson. Aproveitando a proximidade, o português pegou nos dois papéis para uma leitura mais abrangente, Leandro Veloso saboreou cada palavra dos dois poemas. Então, o que pensa deles? Não gosto de fazer apreciações sobre o que escrevem os outros, apenas gosto de ler e absorver o que é transmitido, já vi que o senhor Fernando Maia descreve mais os seus próprios sentimentos, enquanto o senhor James Anderson procura ornamentar a sua escrita. E o senhor? Eu não gosto muito de descrever o que escrevo, a minha escrita acaba por ser uma descrição por si própria, mostro pequenas coisas que todos vemos mas que ninguém repara. Não sei o que é que vejo e não reparo. Está ver este móvel à nossa frente? Sim, já reparei nele. Tem ali uma estante com livros, olhe para um deles. Estou a olhar. Agora imagine como seria a estante sem aquele livro, estaria muito mais pobre. É provável. Ainda há umas cinco linhas o livro era um entre dezenas, mas agora não, agora é o seu livro, é diferente de todos e o senhor começa a sentir uma relação de cumplicidade com ele, tornou-se algo com relativa importância na sua vida. Nunca pensei nisso. E no lugar do livro pode estar outro objecto qualquer, ou mesmo uma pessoa, é o que tento transmitir quando escrevo. olhar para pequenas coisas, que apesar de não repararmos, se não existissem tornavam a nossa vida muito mais pobre. Concordo consigo, eu sinto muitas vezes algo parecido, mas nunca defini de uma forma tão eficaz. Nem eu, é a primeira vez que faço semelhante associação. Apesar de estar tudo a terminar, acho que valeu a pena vir cá. Não sei se posso dizer a mesma coisa, depois de tudo o que eu passei. mas ainda acredito que não chegamos ao fim. Olhe, por acaso o céu parece que está mais escuro. As nuvens estão mais compactas, os raios de sol têm mais dificuldade em atravessar a massa de nuvens e a curva circular parece redefinir-se, ou será mais uma ilusão de quem quer a todo custo que o pior não aconteça? E se fugíssemos sem o James Anderson? pode ser que o céu fique mais cinzento e que o meu círculo torne a crescer. Não penso que seja essa a solução, parece-me que o senhor James Anderson é essencial, afinal sempre foi o sonho dele que juntou as nossas vidas.

Às vezes surgem coincidências em que uma pessoa é assunto de uma conversa e acaba por aparecer com o seu próprio corpo e alma. Coincidências que alguns associam a um tropeçar nas escadas ou então a uma mão divina. Uma das pessoas que faria uma associação destas é James Anderson

(Outra seria o Joaquim das Lousas)

, que por impossibilidades físicas não ouviu a conversa, sendo o tal assunto que ganhou corpo e alma após a coincidência, o tropeçar nas escadas e a mão divina. O motor do automóvel de James Anderson soou no exterior, um temor voltou a assombrar Fernando Maia e Leandro Veloso, não sabem que novidades ele traz, se é que elas existem, pois pode remeter-se a um silêncio absoluto como represália ao que aconteceu há um par de páginas. Não é habitual a sua chegada a casa quando o sol está num local bem alto, costuma a chegar apenas ao anoitecer, como Fernando Maia bem sabe. Ouviram o tilintar das chaves, seguiu-se o previsível rodar da maçaneta esférica de tons prateados e por fim apareceu James Anderson desacompanhado, transportando consigo uma nuvem de tensão. Foi para o seu escritório sem um murmúrio, contagiando os seus dois inquilinos circunstanciais com uma tensão de central hidroeléctrica. Se ele procurar o poema que está na génese de todos os acontecimentos aqui relatados não o encontra na gaveta da escrivaninha por razões evidentes e relacionadas com a curiosidade de Leandro Veloso. Uma curiosidade que pode originar uma crispação violenta, ou seja, mais uma gota de água num copo que já transbordou neste capítulo. Quando saiu do escritório, após uma permanência de pouco mais de meia dúzia de linhas, James Anderson voltou à sala. Exibe um rosto que parece sustentar toneladas e ao

desferir um olhar seco na direcção de Fernando Maia relatou o único acontecimento que se desenrolou na deslocação ao hospital. Quando cheguei ao hospital, o vento parou. O círculo e as nuvens também sofreram. Foi a primeira vez que aconteceu comigo. Conosco também. É melhor fugirmos. E se for demasiado tarde? Não custa nada tentar, afinal sonhamos com o mesmo. E no que sonhamos? Não sei, mas é com algo que só a nós diz respeito. Mudaste de opinião depressa. Só os burros não mudam. Ainda bem que aceitas a tua incoerência. Poucas vezes dou parte de fraco, por isso aproveitai esta. Não tenho dúvidas do que dizes. O senhor chegou a dizer alguma coisa no hospital? interpelou Leandro Veloso. Não, mal saí do carro notei logo que não existia vento, por isso atravessei a rua e fui tomar um café para ver se regressava. não voltou e percebi logo que se queria continuar a sentir o vento não podia falar sobre nós lá no hospital. Chegou a entrar no hospital? Não, vim logo para cá. Então já devem estar à sua espera há bastante tempo. se calhar já estão a caminho da sua casa. Talvez não, mas de qualquer forma é melhor fugirmos agora. Foi como uma janela virada para o mar a abrir. Ali, a centenas de quilómetros do oceano de líquido sagrado, uma brisa leve e fresca percorreu as mentes dos três sonhadores, sobretudo Leandro Veloso que por fim conseguiu conversar sem deselegância

(Exceptuando arranhões)

com o anfitrião. Fizeram as malas tão depressa quanto possível, mas longe vão os tempos em que uma simples escova de dentes era sinónimo de viagem. O conceito de velocidade que classifica a acção dos três indivíduos a fazer as respectivas malas varia com a época histórica em que é feita essa acção, no entanto, para qualquer espaço temporal, será possível classificar a bagagem de Leandro Veloso como escassa. O recheio dos seus sacos resume-se às roupas que se colaram ao corpo durante os capítulos passados entre Fortaleza a Little Rock. A boa vontade dos restantes companheiros amenizou o problema da falta de roupa pois cederam ao brasileiro vestuário para aquecer o seu corpo durante a chuvosa, solarenga e ventosa viagem que preparam

(O número de peças de roupa cedidas foi dividido à moda do Porto por James Anderson e Fernando Maia)

Os poemas não foram esquecidos, vão guardados numa pequena pasta que segue no porta-luvas do automóvel. Durante estas linhas pouco olharam para o céu, e pouco pensou James Anderson no vento, mas quando se sentaram nos semi-confortáveis bancos repararam que o céu adensou-se, as nuvens estão mais compactas e parecem de novo unidas mas com alguma relutância quanto a essa união, é visível que não têm a mesma unidade de outros capítulos. O círculo reduzido a metade apresenta um raio de maior comprimento mas ainda longe dos metros quadrados que secaram a duna. O seu vento também deve estar mais forte, mas não o sinto. É óbvio, quando estou dentro do carro o espaço é demasiado reduzido para o vento nascer e bafejar-me, o mesmo acontece quando estou deitado de barriga para cima. como seria possível o vento formar-se entre mim e o colchão se lá quase que não cabe um único átomo? quanto mais milhões deles de calções e sapatilhas prontos para fazerem o teste de Cooper. Vamos lá fora ver. parece que nada acabou. Estas duas últimas frases foram das poucas que saíram dos lábios de Leandro Veloso após terem decidido fugir. Apesar da última conversa com James Anderson ser pacífica, perdeu a facilidade de expressão que demonstrou no início depois de ver a reacção impulsiva do americano quando partiu para o hospital. Os seus pés chegaram-se para trás, correspondendo este diálogo a um pequeno avançar do membro inferior esquerdo, resta agora o direito que nunca avançará. Vai ficar sempre um pé atrás para impedir uma queda provocada por palavras ainda mais duras que aquelas que recuaram ambos os pés. Mas para sair do carro e certificar-se que James Anderson recuperou o domínio incontrolado do vento, Leandro Veloso não deixou nenhum pé atrás, avançou com a maior convicção que um ser humano pode ter e abriu a porta como se o veículo fosse uma ambulância em missão urgente de socorro. O previsível aconteceu, na balança das decisões o vento é mais um peso a sustentar o prato de todas as imprevisibilidades que os juntaram numa viagem de destino incerto. Destino, uma palavra que se fixou nos três homens, querem saber o que lhes está reservado no seguimento de uma História tão estranha. No entanto, o destino no sentido terreno da palavra é algo a que deram pouca importância até agora que estão com um automóvel pronto para mastigar quilómetros. Não sabem se o local onde está o destino, é à direita ou à esquerda, mas sabem que nunca estará em frente, pois se saírem da garagem sem virar para um dos sentidos da rua, invadem um dos jardins favoritos à conquista do ceptro do campeonato. O que para além de impedir a fuga desejada pelos três, colocará o fado de James Anderson na barra de tribunal, onde o vizinho da frente reclamará uma choruda indemnização arrastando o tão propalado destino para uma posição de tédio, agradável apenas aos apreciadores dos pouco filosóficos e poéticos assuntos jurídicos. Não estou interessado em seguir em frente, vou ter demasiados problemas só por vos acolher e alinhar na fuga. não quero dar mais trabalho ao meu advogado. Estás mais bem disposto. Sempre que tenho uma página de folga estou bem disposto. Meus senhores, deixemos essas conversas para daqui a bocado, vamos decidir para que lado seguimos. Porque não decide o senhor? Fui o último a chegar, penso que devo ter respeito por quem chegou primeiro. Há pouco não demonstrou essa respeitabilidade comigo.

Estou a tentar redimir-me. Apercebendo-se do impasse Fernando Maia teve uma ideia: Como não encontram nenhuma decisão vou utilizar o meu segundo método preferido para decisões binárias difíceis. Qual? O conhecido método matemático do Galo de Barcelos ao ar. E qual é o primeiro? O destino não se decide com um Galo de Barcelos. Estas duas frases proferidas por James Anderson e Leandro Veloso foram perceptíveis graças à simetria corporal possuída pelos cordatos, ela permite a utilização de dois órgãos auditivos para um melhor discernimento em termos sonoros. Simetria essa que se esqueceu de fornecer ao organismo humano dois órgãos verbais para responderem com a correspondência necessária, daí que Fernando Maia apresente novas dificuldades de selecção quanto ao assunto a abordar em primeiro lugar. Vamos por partes, vou começar pelos que conheço há mais tempo, o meu método preferido para escolher algo é a almofada, quando tenho uma dúvida destas e preciso de resolver a situação, antes de me deitar associo a porta a uma escolha e a janela a outra e ao acordar vejo para que lado estou virado ao qual corresponde a decisão. foi assim que tirei as dúvidas que tinha entre o jornalismo e a engenharia das ciências agrárias. E quando acordas de cabeça para cima? Não consigo adormecer dessa maneira quanto mais dormir e acordar assim. Sempre é um método mais subjectivo de resolver problemas de indecisão. Agora vou responder ao nosso novo companheiro. Eu não fiz nenhuma pergunta, dei uma resposta. Então eu respondo com uma pergunta. o destino não se decide com um Galo de Barcelos, mas em casos destes o que é que se pode fazer? Pensar um pouco. Não vejo qual a diferença de rumar para a esquerda ou para a direita. Se formos a pensar assim temos que sortear a direcção cada vez que chegarmos a um cruzamento. Apenas estamos a sortear a saída da cidade, norte ou sul, se reparar. E porque não este ou oeste? Nesse caso é mais lógico seguirmos para este. Porquê? Porque o senhor Leandro Veloso veio de oeste com as suas nuvens e se formos nessa direcção o círculo vai ter que atravessar a tempestade e será fácil encontrarem-nos. Será de todo o modo fácil, as nuvens acabam por ser pegadas que deixamos. Tens razão, mas estás a esquecer-te que a única coisa que conhecem é o teu vento, por enquanto nada mais. sendo assim é melhor deixar uma pista do que duas. Pronto, vamos para este. Conseguiram assim chegar um consenso, a um acordo, algo que nem sempre é fácil com pessoas de culturas tão diferentes que apesar de partilharem um hemisfério, uma língua ou um continente, não têm muitos elos de união. O melhor entendimento acaba por estar entre os que falam a mesma língua, apesar da distância que separa os seus dois países ser enorme. Por muitos que sejam os quilómetros, a união entre as pessoas pode existir, ela está no que pensam e no que sentem, não nos espaços onde vivem. De que serve o local quando o que interessa são as outras pessoas? Com todo o egoísmo que se possa ter, os outros são sempre essenciais para a existência. Fernando Maia sente muito o significado de cada pessoa, dá maior importância às relações pessoais e sociais, os momentos de solidão que tem são como gafanhotos que destroem os campos onde brotam os seus melhores sentimentos. Agora sente-se acompanhado, está sentado no banco da frente do enorme automóvel banheira, ou seja, do lado da torneira de água fria, atrás de si está Leandro Veloso que como foi último a chegar foi o último a escolher o lugar. Quanto a James Anderson, só não está sentado do lado da torneira da água quente porque regressou ao interior da casa para trazer os seus óculos camufladores de vista. Esqueceu-se, como sempre acontece quando viaja. E com um pequeno atraso de cinco linhas, o americano sentou-se ao volante da sua Banheira e rumaram sem saber o destino, apenas seguindo a direcção contrária aquela para onde o sol gira nestes capítulos

(Quando se diz que o sol gira em torno da Terra está-se a partir de uma visão anterior à existência de Copérnico ou da decisão de alguém que quis que o sol girasse à volta da Terra aproveitando a arte de dar existência ao nada. A escolha entre estas duas hipóteses fica para quem cria esta história, o leitor. Este pode escolher utilizando sua visão própria da vida ou pelo recurso a um dos métodos de Fernando Maia, o método da porta e da janela e o método do Galo de Barcelos. Cuidado com o Galo, pode partir-se)